



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

ROBERTO VIEIRA MANSO FILHO

DOCUMENTÁRIO

**UBERIZAÇÃO E PLATAFORMATIZAÇÃO A NOVA FACE DA
PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO**

Quando a flexibilidade esconde a exploração

GOIÂNIA
2026



DOCUMENTÁRIO

UBERIZAÇÃO E PLATAFORMATIZAÇÃO A NOVA FACE DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Quando a flexibilidade esconde a exploração

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para a conclusão do curso de
Bacharelado de Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a. Ma. Maria
Carolina Giliolli Goos

GOIÂNIA
2026

ROBERTO VIEIRA MANSO FILHO

DOCUMENTÁRIO

**UBERIZAÇÃO E PLATAFORMATIZAÇÃO A NOVA FACE DA PRECARIZAÇÃO DO
TRABALHO**

Quando a flexibilidade esconde a exploração

Data da Defesa: 12 de junho de 2026

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof.^a. Ma. Maria Carolina Giliolli Goos

Avaliadora:

Avaliadora:

GOIÂNIA
2026

Dedico este trabalho à minha família, pelo apoio, incentivo e confiança ao longo de toda a minha trajetória acadêmica. Àqueles que, por meio do trabalho diário, ensinaram-me o valor da dignidade humana. Inspirado na reflexão de Karl Marx de que “a história de todas as sociedades é a história da luta de classes”, dedico também esta pesquisa a todos os trabalhadores que, com sua força e resistência, constroem a sociedade e protagonizam as transformações sociais ao longo da história.

Agradecimentos

A conclusão deste Trabalho de Conclusão de Curso representa o encerramento de uma importante etapa da minha trajetória acadêmica e pessoal. Este momento carrega o resultado de um processo de pesquisa e construção do conhecimento, mas também o apoio, incentivo e contribuição de pessoas que estiveram presentes ao longo dessa caminhada.

À minha família, expresso minha mais profunda gratidão por todo o apoio, compreensão e incentivo ao longo desta jornada. Obrigado por acreditarem em mim, respeitarem os momentos de dedicação exigidos por este trabalho e por serem minha base em todos os momentos.

Aos meus amigos, agradeço pela presença, pelas palavras de incentivo, pela compreensão diante das ausências e por tornarem esse percurso mais leve. O apoio recebido durante essa etapa foi fundamental para seguir em frente diante dos desafios encontrados.

À minha professora orientadora, Maria Carolina Giliolli Goos, deixo meu sincero agradecimento pela orientação, pela disponibilidade, pelo comprometimento e pelas contribuições que enriqueceram este trabalho. Obrigado por conduzir este processo com dedicação, compartilhando conhecimento e incentivando reflexões que foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa e para minha formação acadêmica.

Aos meus colegas da faculdade, agradeço a convivência, pelas trocas de experiências, pelos aprendizados compartilhados e pelos momentos vividos ao longo da graduação.

Registro também um agradecimento especial às fontes que contribuíram para este trabalho Frederico Damasceno, Igor Luan, Vandeilson Passos e Wanderson Lima, pela disponibilidade em compartilhar suas experiências, percepções e vivências. A participação de cada um foi fundamental para enriquecer esta pesquisa e permitir que este estudo fosse construído a partir de histórias reais e perspectivas que deram profundidade ao tema abordado.

Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo.

(Karl Marx)

RESUMO

Este projeto propõe a produção de um documentário multimídia voltado à análise das vivências de trabalhadores inseridos no contexto da uberização e das transformações contemporâneas das relações de trabalho. A pesquisa busca compreender os desafios, impactos e oportunidades decorrentes desse modelo laboral, evidenciando como a flexibilização das atividades profissionais, frequentemente associada à autonomia e liberdade, pode também resultar em instabilidade econômica, insegurança laboral e desgaste físico e emocional. O trabalho fundamenta-se na compreensão do documentário como linguagem audiovisual capaz de representar criticamente a realidade social e promover reflexões sobre as transformações contemporâneas do trabalho. Por meio da valorização das narrativas individuais, o documentário procura dar visibilidade às trajetórias de trabalhadores que, apesar de desempenharem funções essenciais para o funcionamento da dinâmica urbana contemporânea, muitas vezes permanecem à margem dos debates sociais. As histórias apresentadas são compreendidas como expressões de experiências particulares que, simultaneamente, refletem fenômenos coletivos relacionados às mudanças estruturais do mundo do trabalho, às novas formas de organização laboral e aos desafios enfrentados pelos profissionais inseridos nesse contexto. A metodologia adotada articula pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e entrevistas em profundidade, complementadas pelo uso de recursos audiovisuais que integram imagem, som, vídeo e texto. Essa combinação de linguagens busca ampliar a compreensão do fenômeno estudado, promovendo uma experiência narrativa capaz de informar, sensibilizar e estimular reflexões acerca das condições de trabalho na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Precarização do trabalho; Exploração moderna; Trabalhadores autônomos; Trabalho por aplicativo.

ABSTRACT

This project proposes the production of a multimedia documentary focused on examining the experiences of workers affected by the phenomenon of platform-based labor, commonly referred to as “uberization,” and the broader transformations in contemporary labor relations. The study seeks to understand the challenges, impacts, and opportunities associated with this labor model, highlighting how flexibility, often perceived as a form of autonomy and freedom, can also lead to economic instability, job insecurity, and physical and emotional strain. The project is grounded in the understanding of documentary film as an audiovisual language capable of critically representing social reality and adopts the principles of literary journalism as its primary narrative framework, enabling a more in-depth and human-centered approach to the experiences portrayed. By emphasizing individual narratives, the documentary aims to give visibility to the trajectories of workers who, despite playing essential roles in the functioning of contemporary urban life, frequently remain overlooked in social and public debates. The stories presented are understood as expressions of personal experiences that simultaneously reflect collective phenomena related to structural changes in the labor market, emerging forms of work organization, and the challenges faced by professionals operating within this context. The methodology combines bibliographic research, fieldwork, and in-depth interviews, supported by audiovisual resources that integrate images, sound, video, and text. This combination of media seeks to enhance the understanding of the phenomenon under study, creating a narrative experience capable of informing, engaging, and encouraging critical reflection on working conditions in contemporary society.

Keywords: Work precarization; Modern exploitation; Self-employed workers; App-based work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo I.....	14
1. O documentário como cinema do real: entre o jornalismo, a arte e a crítica social.....	14
1.1 O documentário brasileiro contemporâneo	15
1.2 A entrevista como recurso narrativo no documentário	16
1.3 O documentário como cinema do real: entre a arte, a crítica social e a representação da realidade	17
1.4 Uberização, plataformatização e precarização do trabalho.....	18
2. Raízes e evolução da uberização: um olhar histórico	21
2.1 A Reinvenção da exploração.....	23
2.2 Entre a liberdade e a precarização: A narrativa jornalística da uberização do trabalho	24
2.3 Entre a flexibilidade e a vulnerabilidade, a uberização sob a perspectiva de Ricardo Antunes.....	26
2.4 Jornada instável, renda variável e ausência de direitos.....	28
2.5 A experiência do motorista de aplicativo: entre a promessa de autonomia e a realidade da precarização	30
3. Trabalho, valor, alienação e luta de classes na sociedade capitalista..	32
3.1 O capitalismo contemporâneo: reestruturação produtiva e precarização	34
3.2 A uberização como forma de organização do trabalho	37
3.3 A uberização à luz da teoria marxista.....	38
3.4 Alienação em versão digital	39
3.5 A tecnologia como véu	40
3.6 Tecnologia, controle e intensificação do trabalho	41

3.7 Fragmentação e precarização no trabalho sob demanda.....	42
CAPÍTULO II	43
MEMORIAL.....	43
Roberto Vieira Manso Filho	43
CAPÍTULO III	46
3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	46
4. Metodologia da pesquisa.....	48
Capítulo IV.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE I.....	53
APÊNDICE II.....	57
APÊNDICE III.....	72
AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO	72
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM	73

INTRODUÇÃO

A uberização do trabalho tornou-se um dos fenômenos mais representativos das transformações contemporâneas nas relações laborais. Para além do aplicativo de transporte que deu origem ao termo, o conceito passou a designar um modelo de organização do trabalho mediado por plataformas digitais, que atravessa diferentes setores econômicos e modifica significativamente as formas de inserção e permanência dos indivíduos no mercado de trabalho. Frequentemente associada às ideias de flexibilidade, autonomia e liberdade de gestão do tempo, essa dinâmica também tem sido relacionada ao aumento da instabilidade ocupacional, à transferência de custos e responsabilidades aos trabalhadores e ao enfraquecimento das garantias tradicionalmente vinculadas ao emprego formal.

A expansão desse modelo ultrapassa o setor de transporte individual e alcança diferentes atividades econômicas intermediadas por plataformas digitais, incluindo serviços de entrega, logística, manutenção, prestação de serviços e trabalho freelancer. Em comum, essas modalidades se estruturam por meio da flexibilização das relações de trabalho e da gestão algorítmica, apresentando ao trabalhador uma aparente autonomia, ao mesmo tempo em que estabelecem mecanismos de controle sobre o acesso às demandas, remuneração e permanência nas plataformas.

No contexto brasileiro, o fenômeno assume características específicas em razão da histórica presença da informalidade e das desigualdades estruturais que marcam o mercado de trabalho nacional. Nesse cenário, a uberização pode ser compreendida como uma reconfiguração contemporânea das formas de exploração e flexibilização laboral, agora associadas ao discurso da inovação tecnológica e da modernização. Dessa forma, observa-se que o trabalhador passa a assumir os custos e instrumentos necessários para exercer sua atividade, permanecendo subordinado às regras e critérios definidos pelas plataformas digitais.

Diante desse contexto, o presente trabalho propõe uma investigação sobre a uberização do trabalho a partir de uma abordagem jornalística e crítica,

articulando discussões teóricas e experiências concretas relacionadas às transformações contemporâneas do mundo do trabalho. O estudo busca compreender como as relações laborais mediadas por plataformas digitais impactam as condições de vida dos trabalhadores, especialmente no que se refere à autonomia, à precarização, à instabilidade econômica e às formas contemporâneas de exploração. Como recorte empírico, a pesquisa considera relatos e experiências relacionados ao contexto de trabalhadores vinculados às plataformas digitais na cidade de Goiânia (GO), utilizando recursos de pesquisa e análise para aproximar teoria e realidade social.

A escolha deste tema também está relacionada ao percurso acadêmico e profissional do pesquisador e às reflexões construídas a partir de experiências que despertaram seu interesse pelas transformações contemporâneas nas relações de trabalho. Em 2022, durante o ingresso no curso de Jornalismo, atuei profissionalmente em um ambiente de call center, experiência que possibilitou observar dinâmicas marcadas pelo monitoramento constante da produtividade, pela pressão por desempenho e pela limitação da autonomia dos trabalhadores. Embora esse modelo de atividade não corresponda diretamente à lógica da uberização, o contato com essas condições despertou questionamentos sobre processos mais amplos de flexibilização e precarização que atravessam o mercado de trabalho contemporâneo.

Em etapa anterior de sua formação acadêmica, o pesquisador já demonstrava interesse por temas relacionados às desigualdades sociais e às formas como as estruturas econômicas influenciam oportunidades e condições de vida. Entretanto, foi o aprofundamento teórico proporcionado pela formação em Jornalismo que contribuiu para ampliar sua compreensão sobre as transformações nas relações laborais e sobre o potencial do jornalismo na construção de narrativas capazes de conferir visibilidade a experiências frequentemente marginalizadas no debate público.

Nesse sentido, a escolha deste tema não surge apenas de uma motivação acadêmica, mas também do entendimento de que a uberização constitui um fenômeno social com impactos concretos na vida cotidiana dos trabalhadores. Ao investigar esse processo, busco compreender como os novos modelos de

organização do trabalho reconfiguram experiências, expectativas e formas de sobrevivência, reconhecendo que essas transformações ultrapassam dados estatísticos e se manifestam nas vivências concretas dos sujeitos envolvidos.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado Fundamentação teórica do jornalismo e sua relação com a uberização do trabalho, apresenta o desenvolvimento histórico do fenômeno da uberização, discutindo suas origens, seus mecanismos de exploração contemporânea e o papel da narrativa jornalística na construção da compreensão social sobre esse processo. Ainda nesse capítulo, são abordadas as contribuições teóricas de Ricardo Antunes e reflexões sobre a experiência dos motoristas de aplicativo e a relação com a problemática investigada.

O segundo capítulo, trabalho, valor, alienação e luta de classes na sociedade capitalista, analisa a uberização a partir das transformações do capitalismo contemporâneo, discutindo conceitos relacionados à reestruturação produtiva, precarização, alienação e teoria marxista como fundamentos para compreender as novas formas de organização do trabalho.

Por fim, o terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, descrevendo as estratégias utilizadas para coleta e análise dos dados, bem como os caminhos escolhidos para compreender o fenômeno investigado.

CAPÍTULO I

1. O DOCUMENTÁRIO COMO CINEMA DO REAL: ENTRE O JORNALISMO, A ARTE E A CRÍTICA SOCIAL

O jornalismo ocupa papel fundamental na mediação entre acontecimentos sociais e sociedade, atuando na transmissão de informações e na construção de sentidos sobre a realidade. Entretanto, quando a pesquisa se propõe a investigar a uberização do trabalho por meio do documentário, é necessário ultrapassar a visão deste apenas como um "produto jornalístico" ou uma extensão da reportagem. Para este trabalho, o documentário é compreendido, fundamentalmente, como cinema.

Conforme argumenta Francis Vanoye (1994), enquanto o jornalismo busca a informação e a atualidade, o documentário cinematográfico constrói um "olhar" sobre o mundo, operando no regime do mostrar e do fazer ver, não apenas do informar. Não se trata de negar o compromisso com a realidade, mas de afirmar que este compromisso é mediado por uma linguagem estética, por um ponto de vista (enquadramento, montagem, som) e por uma duração que permite ao espectador uma experiência sensível e reflexiva, e não apenas cognitiva.

Nichols (2016), ao definir os modos de representação documental, já sinalizava que o cinema documental não é uma janela transparente para o mundo, mas uma construção discursiva. Ramos (2008) aprofunda essa ideia ao discutir o "efeito de verdade" no documentário, que não se confunde com a verdade factual do jornalismo, mas sim com uma verdade poética e política construída na relação entre filme, personagem e espectador. Comolli (2008) vai além, afirmando que o documentário tem o poder de revelar tensões sociais justamente porque sua câmera não apenas registra, mas interpreta o real, devolvendo-o sob a forma de uma experiência estética.

Da informação para a experiência: O objetivo não é apenas "denunciar" a uberização (o jornalismo já o faz), mas fazer o espectador sentir a espera, a exaustão e a contradição entre a promessa de autonomia e a realidade da precarização.

Conforme a classificação proposta por Nichols (2016), o documentário produzido neste trabalho aproxima-se predominantemente dos modos expositivo e reflexivo. O modo expositivo manifesta-se na apresentação organizada dos

depoimentos e na articulação entre entrevistas, imagens e fundamentação teórica para construção de uma argumentação sobre a uberização do trabalho. Já o modo reflexivo evidencia-se ao problematizar as relações entre trabalhador, plataforma digital e sociedade, estimulando uma reflexão crítica sobre as transformações contemporâneas do mundo do trabalho. Da neutralidade para o ponto de vista: O cinema documental, diferentemente da idealização da "imparcialidade" jornalística, assume sua subjetividade como potência. A escolha de filmar em Goiânia, de destacar o depoimento de Carlos Antônio, de enquadrar o rosto cansado do motorista tudo isso é política do olhar. A câmera não é neutra; ela toma partido ao se posicionar ao lado do trabalhador contra a plataforma.

Dessa forma, a escolha do documentário como produto final justifica-se não por sua eficácia jornalística, mas por sua potência estético-política. Em um tema marcado pela invisibilidade e pela abstração, o cinema documental oferece um caminho para materializar o que está oculto. Ao disponibilizar a obra no YouTube, não se busca apenas "difundir informação", mas inserir um dispositivo cinematográfico no debate público, convidando o espectador a não apenas compreender, mas a sensibilizar-se pela uberização.

1.1 O documentário brasileiro contemporâneo

O documentário brasileiro consolidou-se como uma das principais formas de interpretação da realidade social, política e cultural do país. Ao longo das últimas décadas, diferentes realizadores contribuíram para ampliar as possibilidades narrativas do gênero, incorporando novas linguagens, abordagens estéticas e formas de representação dos sujeitos sociais.

Entre os principais nomes do documentário brasileiro destaca-se Eduardo Coutinho, considerado uma das maiores referências do cinema documental nacional. Sua obra caracteriza-se pela valorização da fala dos personagens e pela construção de narrativas centradas nas experiências individuais. Filmes como *Cabra Marcado para Morrer* (1984) e *Edifício Master* (2002) demonstram como histórias particulares podem revelar processos históricos e sociais mais amplos, aproximando o espectador das experiências vividas pelos sujeitos retratados.

Outro importante documentarista brasileiro é João Moreira Salles, cuja produção aborda temas políticos, sociais e culturais por meio de uma narrativa reflexiva e observacional. Obras como *Entreatos* (2004) e *Santiago* (2007) evidenciam a capacidade do documentário de problematizar a própria construção da memória, da narrativa e da representação da realidade.

Para Da-Rin (2004), o documentário contemporâneo caracteriza-se pela diversidade de linguagens e pela ampliação das possibilidades de representação do real. O autor destaca que a evolução tecnológica e as transformações culturais contribuíram para o surgimento de novas formas narrativas, ampliando as possibilidades de abordagem de questões sociais por meio do audiovisual.

A diversidade da produção documental brasileira demonstra que o documentário ultrapassa a função informativa, constituindo-se como uma forma de reflexão crítica sobre a realidade. Nesse contexto, o gênero torna-se um importante instrumento de registro, interpretação e debate de questões sociais, permitindo que experiências frequentemente invisibilizadas ganhem espaço no cenário público.

1.2 A entrevista como recurso narrativo no documentário

A entrevista ocupa posição central na construção do documentário contemporâneo, especialmente nas produções que buscam compreender experiências humanas a partir da perspectiva dos próprios sujeitos envolvidos. Mais do que um procedimento técnico de coleta de informações, a entrevista constitui um recurso narrativo capaz de revelar percepções, memórias, sentimentos e interpretações sobre a realidade social.

Segundo Bernard (2008), a entrevista documental permite que os personagens assumam papel ativo na construção da narrativa, contribuindo para a produção de significados que vão além da simples transmissão de informações. Nesse sentido, a fala do entrevistado não representa apenas um dado factual, mas uma forma de compreender como os indivíduos atribuem sentido às suas próprias experiências.

No documentário brasileiro, Eduardo Coutinho tornou-se referência pelo uso da entrevista como elemento estruturador da narrativa. Para o cineasta, o

encontro entre entrevistador e entrevistado constitui um momento singular de produção de sentidos, no qual a escuta desempenha papel tão importante quanto as perguntas formuladas. A valorização da palavra e da experiência vivida tornou-se uma das características mais marcantes de sua obra.

No documentário produzido neste Trabalho de Conclusão de Curso, a entrevista constitui o principal recurso narrativo utilizado para compreender as experiências dos trabalhadores inseridos na dinâmica da uberização. A partir dos relatos dos participantes, torna-se possível identificar como as transformações contemporâneas do trabalho impactam suas rotinas, expectativas e condições de vida.

1.3 O documentário como cinema do real: entre a arte, a crítica social e a representação da realidade

O documentário ocupa um lugar singular entre as formas de representação da realidade. Diferentemente da ficção, sua narrativa é construída a partir de acontecimentos, personagens e contextos reais, embora não constitua uma reprodução neutra dos fatos. Conforme Nichols (2016), o documentário deve ser compreendido como uma representação do mundo histórico, construída por meio de escolhas narrativas, estéticas e ideológicas realizadas pelo documentarista.

Nesse sentido, o documentário não pode ser entendido apenas como um instrumento de informação. Ramos (2008) argumenta que a linguagem documental produz um efeito de verdade decorrente da relação estabelecida entre imagem, narrativa e espectador. A câmera não atua apenas como registradora dos acontecimentos, mas participa da construção dos sentidos atribuídos à realidade.

Ao discutir as relações entre documentário e sociedade, Comolli (2008) destaca que o cinema documental possui potencial para revelar conflitos, tensões e contradições presentes na vida social. Por meio da imagem, do som e do testemunho, o documentário torna visíveis experiências frequentemente invisibilizadas pelos discursos dominantes.

Embora dialogue com práticas jornalísticas, especialmente por meio da entrevista e da investigação de temas de interesse público, o documentário possui características próprias da linguagem cinematográfica. Conforme Vanoye (1994), enquanto o jornalismo busca prioritariamente informar, o documentário busca construir um olhar sobre a realidade, proporcionando ao espectador uma experiência estética e reflexiva.

Ismail Xavier (2008) destaca que o cinema documental não apenas representa a realidade, mas também produz interpretações sobre ela. A linguagem cinematográfica atua como mediadora da experiência social, permitindo que questões históricas e sociais sejam apresentadas ao espectador de forma crítica e reflexiva.

A escolha do documentário como produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso está relacionada à sua capacidade de articular informação, sensibilidade e reflexão crítica. Ao abordar a uberização do trabalho por meio da linguagem audiovisual, busca-se não apenas apresentar dados e conceitos, mas também aproximar o público das experiências concretas vividas pelos trabalhadores inseridos nesse contexto.

A compreensão das experiências individuais como caminho para interpretar processos sociais mais amplos aproxima-se da perspectiva da micro-história aplicada ao documentário. Segundo Karla Holanda (2006), as narrativas documentais contemporâneas frequentemente valorizam trajetórias pessoais e histórias aparentemente ordinárias para revelar fenômenos coletivos, políticos e históricos. Nesse sentido, os relatos dos trabalhadores entrevistados neste documentário permitem compreender, a partir de experiências particulares, transformações estruturais relacionadas ao trabalho na contemporaneidade.

1.4 Uberização, plataformatização e precarização do trabalho

A uberização tornou-se uma das principais expressões das transformações contemporâneas das relações de trabalho. Embora frequentemente associada ao surgimento de plataformas digitais, suas origens estão relacionadas aos processos de reestruturação produtiva iniciados nas décadas de 1970 e 1980, marcados pela flexibilização das relações trabalhistas,

pela terceirização e pela redução das garantias associadas ao emprego formal (Harvey, 1992).

Segundo Antunes (2018), a expansão das tecnologias digitais permitiu o surgimento de novas formas de gestão da força de trabalho, caracterizadas pela transferência de riscos e custos aos trabalhadores. Nesse contexto, plataformas digitais passaram a intermediar serviços e controlar atividades por meio de algoritmos, redefinindo as formas de contratação e organização laboral.

A chamada plataformatização do trabalho refere-se ao processo pelo qual empresas digitais utilizam sistemas tecnológicos para conectar consumidores e trabalhadores, estabelecendo mecanismos de monitoramento, avaliação e distribuição de tarefas. Conforme Abílio (2021), as plataformas não atuam apenas como intermediadoras, mas exercem controle significativo sobre a atividade laboral, influenciando diretamente o acesso ao trabalho e à renda.

Nesse cenário, o discurso da autonomia e do empreendedorismo individual aparece como elemento central de legitimação desse modelo. Os trabalhadores são frequentemente apresentados como empreendedores de si mesmos, responsáveis pela gestão de suas atividades e rendimentos. Entretanto, diversos estudos demonstram que essa autonomia é limitada pela dependência econômica em relação às plataformas e pelos mecanismos de controle algorítmico que regulam a prestação dos serviços.

A análise da uberização pode ser aprofundada a partir da teoria marxista. Segundo Marx e Engels (2015), o proletariado é a classe social formada pelos trabalhadores que não possuem meios de produção próprios e dependem da venda de sua força de trabalho para garantir sua sobrevivência. Em oposição à burguesia, proprietária dos meios de produção, o proletariado ocupa posição central na produção da riqueza social.

Associado a essa relação encontra-se o conceito de mais-valia, entendido como a diferença entre o valor produzido pelo trabalhador e o valor recebido sob a forma de salário. Para Marx (2015), a apropriação desse excedente pelo proprietário dos meios de produção constitui o principal mecanismo de

exploração presente no capitalismo. Embora as formas de organização do trabalho tenham se transformado ao longo do tempo, a lógica de apropriação do valor produzido pelos trabalhadores permanece presente nas dinâmicas contemporâneas das plataformas digitais.

Outro conceito fundamental para compreender esse fenômeno é a alienação. Segundo Marx (2015), o trabalhador torna-se progressivamente afastado do controle sobre o próprio trabalho, sobre os produtos que produz e sobre as relações sociais construídas durante o processo produtivo. Na economia de plataformas, essa alienação assume novas formas, mediadas por algoritmos que definem tarefas, remunerações, avaliações e condições de permanência dos trabalhadores nos aplicativos.

A incorporação das tecnologias digitais ao mundo do trabalho não elimina as relações de exploração descritas por Marx. Pelo contrário, contribui para o surgimento de novas formas de controle e intensificação do trabalho. As plataformas digitais se apresentam como simples intermediadoras tecnológicas, mas exercem influência significativa sobre a execução das atividades laborais, estabelecendo mecanismos permanentes de monitoramento e avaliação.

Os impactos da uberização tornam-se mais evidentes quando observados a partir das experiências concretas dos trabalhadores. Motoristas e entregadores relatam jornadas prolongadas, instabilidade financeira, ausência de proteção social e dificuldades para conciliar trabalho e vida pessoal. Essas experiências revelam as contradições existentes entre o discurso de liberdade promovido pelas plataformas e a realidade vivenciada pelos trabalhadores.

Dessa forma, a uberização pode ser compreendida como uma reconfiguração contemporânea das relações de trabalho, marcada pela combinação entre inovação tecnológica, flexibilização laboral e intensificação dos mecanismos de exploração. A análise desse fenômeno torna-se fundamental para compreender os desafios enfrentados pelos trabalhadores na sociedade contemporânea e as transformações que atravessam o mundo do trabalho no século XXI.

2. RAÍZES E EVOLUÇÃO DA UBERIZAÇÃO: UM OLHAR HISTÓRICO

O processo de uberização não pode ser compreendido como um fenômeno recente ou exclusivamente associado ao avanço das tecnologias digitais. Sua compreensão exige uma análise histórica e crítica das transformações ocorridas no mundo do trabalho, especialmente a partir das décadas de 1970 e 1980, quando o modelo fordista de produção passou por um processo de reestruturação e foi gradualmente substituído por formas mais flexíveis de organização produtiva, influenciadas pelo toyotismo e pela globalização das cadeias produtivas (Harvey, 1992).

Essas transformações foram marcadas tanto pela incorporação da microeletrônica, da informática, da internet e das redes de comunicação aos processos produtivos quanto pela busca permanente de redução dos custos da força de trabalho, impulsionada por políticas de flexibilização e desregulamentação econômica (Bernardo, 1991). Nesse contexto, ampliaram-se práticas como terceirização, fragmentação das atividades produtivas e precarização das relações formais de emprego, criando condições para o surgimento de novas formas de organização do trabalho posteriormente intensificadas pelas plataformas digitais.

Entre essas novas configurações destaca-se a ampliação dos serviços de entrega realizados por trabalhadores ciclistas popularmente conhecidos como *bike boys*. Esse fenômeno evidencia uma intensificação dos processos de flexibilização laboral ao incorporar grupos historicamente vulnerabilizados às dinâmicas das plataformas digitais. Em muitos casos, trata-se de uma atividade exercida predominantemente por jovens residentes em áreas periféricas e frequentemente submetidos a condições marcadas pela instabilidade da renda, ausência de proteção social e baixos custos de entrada para o exercício da atividade. Dessa forma, amplia-se o alcance da exploração do trabalho por meio da incorporação de novas formas de mobilidade e gestão da força de trabalho.

Contudo, a uberização não se restringe ao público jovem. Pessoas adultas e idosas também têm recorrido ao trabalho mediado por plataformas como alternativa de geração ou complementação de renda. Conforme argumenta Abílio (2021), para parcela significativa dos trabalhadores inseridos na economia de plataformas, o ingresso nesse modelo de trabalho não decorre

necessariamente de uma escolha livre, mas da necessidade de sobrevivência diante da precarização do mercado e da redução das formas tradicionais de proteção social. De modo semelhante, Antunes (2018) observa que a expansão da uberização alcança diferentes faixas etárias, incluindo trabalhadores maduros e aposentados que retornam ao mercado de trabalho em busca de manutenção da renda.

Nesse sentido, a uberização pode ser compreendida como uma reconfiguração contemporânea de processos históricos de informalização, precarização e fragmentação do trabalho. A diferença central reside no fato de que o controle da atividade laboral passa a ser exercido por plataformas digitais que, simultaneamente, flexibilizam a contratação, monitoram o desempenho e estabelecem mecanismos permanentes de disciplina sobre os trabalhadores (Srnicek, 2018).

A chamada uberização representa, portanto, uma expressão contemporânea das transformações do capitalismo. Trata-se de uma reorganização das formas de exploração do trabalho que utiliza inovações tecnológicas e discursos associados à modernização e ao empreendedorismo para manter mecanismos históricos de extração de valor. Assim, aquilo que frequentemente é apresentado como inovação aplicativos, plataformas digitais e sistemas automatizados pode ser compreendido como continuidade de processos históricos de reorganização do trabalho, agora adaptados às condições econômicas e tecnológicas do século XXI (Antunes, 2018).

Compreender a uberização implica, portanto, ultrapassar sua aparência tecnológica e recuperar os processos históricos que possibilitaram sua consolidação: a precarização estrutural do trabalho, a expansão de políticas neoliberais de flexibilização e o uso das tecnologias digitais como instrumentos de intensificação do controle sobre a força de trabalho.

Segundo Antunes (2018), especialmente em economias periféricas, observa-se não apenas uma deterioração pontual das condições de trabalho, mas um processo estrutural de precarização marcado pela instabilidade ocupacional, pela informalização e pela ampliação das formas flexíveis de contratação. Nesse cenário, trabalhadores passam a ocupar posições cada vez mais vulneráveis dentro da dinâmica do capital globalizado.

As políticas neoliberais desempenham papel central nesse processo. A flexibilização das legislações trabalhistas, a expansão da terceirização e a informalização são elementos que contribuem para a reconfiguração das relações laborais contemporâneas. Sob o discurso da ampliação da liberdade econômica e da autonomia individual, consolidam-se condições marcadas por insegurança ocupacional, redução de direitos e enfraquecimento dos mecanismos de proteção social.

Associadas a esse movimento, as tecnologias digitais e as plataformas informacionais tornam-se instrumentos de reorganização e intensificação do controle sobre o trabalho. Antunes (2018) descreve o surgimento de um novo proletariado da era digital, formado por trabalhadores submetidos a regimes laborais por demanda, com vínculos frágeis, elevada instabilidade e monitoramento constante. As tecnologias da informação e comunicação não eliminaram a centralidade do trabalho humano, mas contribuíram para sua reorganização sob formas móveis, individualizadas e menos protegidas socialmente, ampliando novas modalidades de exploração no capitalismo contemporâneo.

2.1 A Reinvenção da exploração

Conforme Marx e Engels (2015), apresentada no Manifesto Comunista, a burguesia mantém seu poder porque está em constante transformação e essa lógica continua viva nas formas mais atuais de organização do trabalho, como a uberização e a plataformização. Assim como no século XIX, o capitalismo de hoje sobrevive reinventando suas estruturas produtivas e moldando a sociedade conforme seus próprios interesses de acumulação.

Embora o trabalho nas fábricas não tenha desaparecido totalmente, o que domina hoje é outro tipo de organização do trabalho. Conforme Antunes (2020), as transformações tecnológicas e organizacionais do capitalismo contemporâneo não eliminaram o trabalho industrial, mas ampliaram novas formas de exploração associadas aos serviços e às plataformas digitais. Aquilo que antes acontecia dentro das fábricas, com horários rígidos e supervisão direta

do patrão, agora é mediado por aplicativos e algoritmos que determinam o ritmo, a produtividade e até o valor do trabalho.

De acordo com Abílio (2021), a narrativa da autonomia constitui um dos principais elementos ideológicos utilizados pelas plataformas digitais para legitimar formas flexíveis de trabalho. O trabalhador é apresentado como alguém que empreende por conta própria, mas, na prática, está preso a uma dinâmica instável, impessoal e sem garantias. Sem direitos trabalhistas, sem proteção social e sem segurança mínima, essa suposta autonomia acaba mascarando uma nova forma de exploração, mais sutil e ao mesmo tempo mais profunda.

Nessa dinâmica, a inovação tecnológica que poderia significar avanço e bem-estar acaba sendo usada como instrumento para aprofundar a precarização. Marx e Engels já alertavam que o capitalismo se reorganiza para continuar extraindo mais-valia de maneiras cada vez mais sofisticadas. A uberização é, portanto, a expressão moderna da mesma contradição: um sistema que precisa se reinventar para sobreviver, mas que mantém intacta a essência da desigualdade entre quem trabalha e quem lucra com o trabalho.

2.2 Entre a liberdade e a precarização: A narrativa jornalística da uberização do trabalho

O jornalismo desempenha papel relevante na construção social da realidade ao interpretar acontecimentos, contextualizar fenômenos e ampliar o acesso da sociedade a temas de interesse público. Conforme Traquina (2005), o jornalismo constitui uma forma de conhecimento social que contribui para que a sociedade compreenda a si mesma, atuando como mediador entre os acontecimentos e os cidadãos.

Além de sua função informativa, o jornalismo está associado ao compromisso ético com a apuração, a verificação e a responsabilidade social. Para Kovach e Rosenstiel (2004), sua credibilidade está diretamente relacionada à capacidade de produzir informações confiáveis e relevantes para a vida democrática. Nesse sentido, o fazer jornalístico também contribui para tornar

visíveis questões sociais frequentemente pouco representadas no espaço público.

Considerando os objetivos desta pesquisa e as características do fenômeno investigado, optou-se pelo documentário como formato de produção jornalística. Essa escolha está relacionada à capacidade desse gênero de desenvolver narrativas mais aprofundadas e contextualizadas, permitindo articular informação, testemunho e representação audiovisual na construção de sentidos sobre a realidade social.

Diferentemente de formatos jornalísticos mais imediatos, o documentário possibilita maior aprofundamento narrativo e favorece a aproximação entre o público e as experiências dos sujeitos retratados. A combinação entre imagem, som, depoimentos e construção narrativa amplia as possibilidades de compreensão do fenômeno estudado, permitindo que trajetórias individuais contribuam para revelar processos sociais mais amplos.

A escolha pela disponibilização do documentário na plataforma YouTube está relacionada ao seu amplo alcance e facilidade de acesso por diferentes públicos. Embora se trate de uma plataforma privada, organizada por mecanismos de recomendação e moderação de conteúdo, seu modelo de acesso gratuito ao público amplia as possibilidades de circulação e compartilhamento da produção audiovisual.

Nesse contexto, a disponibilização do documentário em ambiente digital busca favorecer o acesso ao conteúdo e ampliar o potencial de circulação das narrativas construídas ao longo da pesquisa. A intenção não se limita à difusão do produto audiovisual, mas também à ampliação do debate público sobre as transformações contemporâneas do trabalho e sobre as experiências dos sujeitos envolvidos.

Ao articular linguagem audiovisual e investigação jornalística, o documentário permite construir uma narrativa que ultrapassa a simples exposição de dados e informações. A representação das experiências individuais contribui para aproximar o público das dimensões humanas

presentes no fenômeno estudado, favorecendo processos de reconhecimento, reflexão e compreensão crítica.

Dessa forma, o documentário apresenta-se como um formato compatível com os objetivos deste trabalho, ao possibilitar uma abordagem que integra rigor informativo, aprofundamento narrativo e sensibilidade na representação das experiências sociais.

2.3 Entre a flexibilidade e a vulnerabilidade, a uberização sob a perspectiva de Ricardo Antunes

Ricardo Antunes se consolida como um dos principais sociólogos brasileiros dedicados a compreender o trabalho em tempos de capitalismo contemporâneo (Antunes, 2020). esse sistema que muda de roupa, mas mantém o mesmo coração pulsando forte. Professor da Unicamp, ele construiu uma trajetória marcada por uma leitura crítica das relações laborais, sobretudo a partir das reestruturações produtivas que ganharam fôlego no fim do século XX. Em seus estudos, o trabalho não é apenas emprego ou renda: é vida, é identidade, é o jeito como o sujeito se reconhece no mundo. Assim, quando a tecnologia avança, quando a gestão muda de forma e quando a globalização aperta o cerco, não é só a ocupação que se transforma. Muda também a subjetividade, como se o chão sob os pés do trabalhador ficasse mais fino, quase transparente.

Para Antunes, a chamada uberização opera como uma virada silenciosa, porém barulhenta como um estalo no escuro (Antunes, 2020). O risco, que antes era do empregador, passa a morar no colo do trabalhador. Manutenção de equipamentos, insegurança financeira, acidentes, tudo isso vira responsabilidade individual, como se cada trabalhador fosse uma empresa de uma pessoa só, carregando nas costas o peso que antes era dividido. O discurso vende autonomia, liberdade, flexibilidade. Mas, na prática, o controle não some, apenas troca de rosto. Sai o chefe visível, entra o algoritmo invisível, que observa, mede, classifica e pune sem levantar a voz. As avaliações digitais, as pontuações e os rankings funcionam como uma nova forma de vigilância, fria e constante, como um relógio que nunca para.

Nesse cenário, Antunes (2020) analisa a uberização como expressão atual dessas transformações. O trabalhador é apresentado como autônomo, empreendedor de si mesmo, alguém que “faz seu próprio horário”. Só que, por trás dessa vitrine, esconde-se uma precarização intensa. Não há direitos trabalhistas, não há proteção social, não há estabilidade e a renda vira uma incógnita, como um mês que começa promissor e termina no vermelho. A suposta liberdade, ironicamente, se converte em dependência ampliada e vulnerabilidade permanente. A uberização, assim, não liberta; ela redefine o trabalho e refaz hierarquias de modo quase imperceptível, criando uma camada de trabalhadores sempre disponíveis, mas invisíveis enquanto sujeitos de direitos.

A precarização, por sua vez, é um processo mais amplo, que não cai do céu nem surge do nada (Antunes, 2020). Ela se manifesta na fragilização de direitos, na instabilidade dos contratos, na informalidade e na terceirização que avançam como maré cheia. Está diretamente ligada às transformações econômicas, tecnológicas e organizacionais que reconfiguram o modo de trabalhar. Nesse contexto, a lógica da produtividade e da redução de custos passa a comandar as relações de trabalho, deslocando para o trabalhador responsabilidades que antes cabiam ao empregador, como a garantia de renda, a proteção social e a segurança no ambiente laboral. É como se o trabalhador fosse empurrado para uma corda bamba, tendo de equilibrar tudo sozinho, sem rede de proteção.

Essa precarização não atinge apenas o bolso. Ela alcança a mente, o emocional, o senso de pertencimento (Antunes, 2020). A instabilidade constante, a ausência de garantias mínimas e a incerteza sobre o futuro produzem desgaste, estresse e uma sensação de desamparo, como se qualquer tropeço fosse culpa exclusiva do próprio trabalhador. Ele passa a carregar a ideia de que, se algo deu errado, a responsabilidade é só dele. Pressionado a se adaptar o tempo todo, assume múltiplas funções, jornadas extensas e remunerações variáveis, muitas vezes sem saber se, no fim do mês, o dinheiro vai dar para fechar as contas. Portanto, falar em precarização não é apenas falar da perda de direitos formais, mas da construção de um cenário em que o trabalho

se torna mais frágil, incerto e solitário, reduzindo a capacidade de reivindicar melhores condições e proteção social.

Os trabalhadores precarizados, os chamados precarizados, vivem sob insegurança econômica e social constante. Antunes (2020) destaca que essa precarização não se limita à dimensão material, mas corrói também a subjetividade, afetando a experiência de segurança, identidade e reconhecimento social. O trabalho deixa de ser fonte de estabilidade e passa a ser fonte de ansiedade, como um chão que range a cada passo.

A plataformatização, por sua vez, refere-se à organização do trabalho mediada por plataformas digitais, que definem tarefas, horários e remuneração, ao mesmo tempo em que monitoram a performance por meio de algoritmos Abílio (2021). Conforme discutido por Abílio (2021), esse processo transforma informações sobre os trabalhadores em dados econômicos, criando novas formas de extração de valor e reorganizando as relações laborais. O controle algorítmico reduz a autonomia, reforça desigualdades e intensifica a precarização já existente, funcionando como uma engrenagem que gira sem parar, triturando tempo, energia e expectativas.

Dessa forma, esses fenômenos se entrelaçam. A uberização aparece como uma expressão específica da precarização, mediada por plataformas digitais. A precarização evidencia a ausência de direitos, de segurança econômica e social. A plataformatização mostra como a tecnologia reorganiza o trabalho e reforça vulnerabilidades. Compreender essas interações é essencial para analisar os desafios contemporâneos do mundo do trabalho e para refletir sobre o papel do jornalismo e da pesquisa social em dar visibilidade a essas novas formas de exploração laboral, que muitas vezes operam em silêncio, mas deixam marcas profundas na vida de quem trabalha.

2.4 Jornada instável, renda variável e ausência de direitos

No modelo de trabalho mediado por plataformas digitais, a jornada deixa de ser fixa e previsível, passando a se organizar conforme a demanda e os comandos silenciosos dos algoritmos. O que, à primeira vista, parece autonomia,

na prática, se revela como um relógio invisível, exigindo do trabalhador uma disponibilidade quase permanente. Entre uma chamada e outra, instala-se um tempo, marcado pela espera, uma espera que consome horas, energia e atenção, mas que não garante retorno algum. Conforme aponta Antunes (2020), jornadas que ultrapassam dez ou doze horas diárias tornaram-se rotina entre trabalhadores uberizados, que permanecem conectados como quem mantém o motor ligado, na esperança de alcançar um rendimento minimamente suficiente.

Essa instabilidade do tempo de trabalho caminha de mãos dadas com a incerteza da renda, outro pilar da chamada uberização (Antunes, 2020). A remuneração oscila, sobe e desce como maré, dependendo do volume de tarefas, das avaliações dos clientes e das condições variáveis do mercado. Com isso, o trabalhador passa a viver sem um chão firme para planejar suas finanças, sendo empurrado, quase sem perceber, a prolongar indefinidamente sua jornada. Some-se a isso o fato de que despesas como manutenção de equipamentos, combustível, internet e alimentação recaem sobre o próprio trabalhador, como uma conta que nunca fecha, corroendo ainda mais sua renda líquida.

É importante lembrar que o trabalhador não tem patrão, mas também não tem direitos, garantias trabalhistas ou segurança diante das decisões tomadas pela plataforma (Antunes, 2020). A promessa de autonomia muitas vezes mascara relações precárias, marcadas pela instabilidade e pela ausência de proteção social.

A esse cenário soma-se, ainda, a ausência de direitos trabalhistas, que funciona como uma espécie de vazio institucional (Antunes, 2020). A relação entre plataformas e trabalhadores é arquitetada para evitar o reconhecimento do vínculo empregatício, o que afasta o acesso a garantias básicas, como férias remuneradas, 13º salário, seguro-desemprego, proteção previdenciária e negociação coletiva. Como destaca Antunes (2020), esse arranjo aprofunda um processo de precarização estrutural do trabalho, no qual o trabalhador é isolado e os riscos da atividade produtiva são empurrados para quem depende da venda da própria força de trabalho.

Dessa forma, jornada instável, renda variável e ausência de direitos não aparecem como peças soltas de um mesmo mecanismo (Antunes, 2020). Trata-se de uma reorganização do trabalho que intensifica a exploração enquanto se sustenta no discurso da liberdade e do empreendedorismo individual. No fundo, o que se vende como escolha soa, cada vez mais, como imposição, um sistema que promete asas, mas mantém os pés presos ao chão.

2.5 A experiência do motorista de aplicativo: entre a promessa de autonomia e a realidade da precarização

A trajetória de Carlos Antônio, motorista de aplicativo desde 2016, revela, de forma concreta, os elementos que definem a uberização enquanto fenômeno social, econômico e tecnológico. Seu relato evidencia como as promessas iniciais feitas pelas plataformas digitais se chocam com a realidade cotidiana do trabalho mediado por algoritmos, trazendo à tona contradições centrais discutidas por autores como Antunes (2020), Abílio (2019) e Srnicek (2018).

Carlos Antônio explica que ingressou na Uber movido pela necessidade e pela expectativa de ganhos elevados. À época, a empresa divulgava campanhas que prometiam remunerações que poderiam ultrapassar dez mil reais mensais, associadas à ideia de independência, ausência de chefia direta e liberdade de horários. Essas narrativas seduziram milhares de trabalhadores que viram na plataforma uma alternativa diante da perda de empregos formais e da crise econômica. Entretanto, ainda nos primeiros meses, Carlos Antônio percebeu que tais promessas não se sustentam na prática.

Sua rotina rapidamente se transformou em jornadas mais extensas que as exigidas por empregos formais. Enquanto um trabalhador contratado pela CLT cumpre, em média, oito horas diárias, motoristas como Carlos Antônio relatam a necessidade de trabalhar entre doze e dezoito horas por dia para atingir as metas mínimas de renda. A suposta flexibilidade, portanto, converte-se em obrigação velada, revelando o que Antunes (2020) descreve como intensificação e prolongamento do trabalho característicos da era das plataformas.

Outro ponto destacado por Carlos Antônio é o estresse constante decorrente do sistema de avaliação dos passageiros. A nota, que deveria ser um instrumento de qualidade, acaba funcionando como mecanismo de controle subjetivo. Ele relata ter recebido avaliações baixas sem justificativa clara, muitas vezes motivadas por erros cometidos pelo próprio passageiro, como endereços informados incorretamente. Em casos ainda mais graves, lembra que motoristas negros, nordestinos ou LGBTQIA+ são frequentemente vítimas de avaliações discriminatórias, que impactam diretamente sua permanência no aplicativo. O medo da nota baixa cria um ambiente de insegurança psicológica permanente, coerente com o que Abílio (2019) denomina “gestão algorítmica da subjetividade”.

O caráter autônomo do trabalho também se mostra limitado. Embora o motorista possa escolher quando iniciar sua jornada, o algoritmo direciona trajetos, sugere corridas pouco vantajosas e, por vezes, oculta o destino final, obrigando o trabalhador a aceitar viagens indesejadas para evitar queda nas métricas internas. Carlos Antônio relata que, ao recusar repetidas corridas ruins, sua taxa de aceitação diminui, prejudicando seu desempenho dentro da plataforma. Assim, a autonomia prometida existe apenas no discurso, enquanto o controle algorítmico orienta todos os aspectos da atividade.

Os custos operacionais, totalmente arcados pelo motorista, constituem outro eixo importante da precarização. Carlos Antônio gasta mensalmente mais de R\$3.500 com combustível e relata despesas inesperadas com manutenção, como um reparo de câmbio que custou R\$ 3.800. Além disso, quem utiliza carros alugados enfrenta custos semanais que ultrapassam R\$800. Com isso, o risco econômico é todo transferido ao trabalhador, enquanto a plataforma se exime de responsabilidades, conforme analisado por Srnicek (2018).

A dimensão mais dura aparece nos relatos sobre saúde. Carlos Antônio afirma ter trabalhado com febre, dengue, Covid-19 e outros problemas, porque, sem renda garantida ou direitos trabalhistas, o descanso é praticamente inviável. Ele narra casos de motoristas que dirigem engessados, com dores intensas ou em recuperação pós-cirúrgica, sem qualquer suporte da plataforma. Esse cenário revela a completa ausência de proteção social, característica central da

uberização e do enfraquecimento das estruturas tradicionais de amparo ao trabalhador.

O depoimento de Carlos Antônio sintetiza, portanto, as contradições centrais que definem a nova morfologia do trabalho na era das plataformas. A promessa de liberdade, autonomia e altos ganhos cede lugar a jornadas extensas, instabilidade emocional, custos elevados, insegurança econômica e ausência total de direitos. Seu testemunho reforça a discussão teórica desenvolvida ao longo deste TCC e ilustra, de maneira humana e concreta, como a plataformatização transforma o trabalhador em responsável por todos os riscos, enquanto o algoritmo assume o controle invisível da produção.

3. TRABALHO, VALOR, ALIENAÇÃO E LUTA DE CLASSES NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Na teoria marxista, o trabalho ocupa papel central na constituição da vida social. Para Marx, é por meio do trabalho que o ser humano transforma a natureza e, simultaneamente, transforma a si próprio, produzindo condições materiais de existência e construindo relações sociais. O trabalho não representa apenas uma atividade econômica voltada à sobrevivência, mas uma dimensão constitutiva da existência humana. No capitalismo, entretanto, essa atividade passa a assumir predominantemente a forma de trabalho assalariado, subordinado à lógica da acumulação de capital (Marx, 2014; Marx, 2015).

Nesse contexto, Marx diferencia os conceitos de **valor de uso** e **valor de troca**. O valor de uso corresponde à utilidade concreta da mercadoria, relacionada à capacidade de satisfazer necessidades humanas. Já o valor de troca refere-se ao valor atribuído à mercadoria no processo de circulação e troca no mercado. Na dinâmica capitalista, a produção tende a ser orientada prioritariamente pelo valor de troca, deslocando o foco das necessidades humanas para a valorização econômica das mercadorias (Marx, 2014).

A mais-valia constitui o principal mecanismo de acumulação de capital no sistema capitalista. Para Marx (2015), ela corresponde à diferença entre o valor produzido pelo trabalhador durante sua jornada de trabalho e o valor que recebe

sob a forma de salário. Assim, parte da riqueza gerada pelo trabalho é apropriada pelo proprietário dos meios de produção, configurando uma relação de exploração que sustenta a reprodução do capital. A mais-valia absoluta ocorre por meio da ampliação da jornada de trabalho, aumentando o tempo de trabalho não remunerado. Já a mais-valia relativa resulta do aumento da produtividade por meio da introdução de tecnologias, reorganização produtiva e intensificação do ritmo de trabalho. Em ambos os casos, parte do valor produzido pelo trabalhador é apropriada pelo detentor dos meios de produção, constituindo a base da acumulação capitalista (Marx, 2015; Netto; Braz, 2017).

Associado a esse processo está o conceito de **alienação**. Para Marx, o trabalhador se distancia do produto de seu trabalho, uma vez que aquilo que produz não lhe pertence. Além disso, ocorre o afastamento em relação ao próprio processo produtivo, que deixa de ser atividade criativa e passa a assumir caráter externo e subordinado. A alienação também se manifesta nas relações sociais, que passam a ser mediadas pelas dinâmicas econômicas e pela lógica mercantil (Marx, 2015).

Outro conceito central para compreender o funcionamento do capitalismo é o fetichismo da mercadoria. Segundo Marx (2015), as relações sociais entre indivíduos passam a aparecer como relações entre objetos, ocultando que o valor econômico é resultado do trabalho humano. No contexto contemporâneo, esse processo pode ser ampliado pela centralidade atribuída às tecnologias digitais, frequentemente apresentadas como instrumentos neutros de inovação, embora também estejam inseridas em relações sociais e econômicas determinadas.

Esses elementos articulam-se ao conceito de luta de classes, entendido por Marx e Engels (2015) como elemento estruturante das transformações históricas. No capitalismo, a principal contradição ocorre entre burguesia e proletariado.

Segundo Marx e Engels (2015), o proletariado é a classe social formada pelos trabalhadores que não possuem meios de produção próprios e dependem da venda de sua força de trabalho para garantir sua sobrevivência.

Diferentemente da burguesia, que controla os meios de produção, o proletariado participa do processo produtivo sem se apropriar integralmente da riqueza que produz. Enquanto a burguesia detém os meios de produção, o proletariado depende da venda da força de trabalho para garantir sua sobrevivência.

Embora o desenvolvimento capitalista tenha ampliado as capacidades produtivas da sociedade, esse processo também consolidou novas formas de desigualdade e exploração. Nessa perspectiva, o Estado é compreendido como parte das estruturas que contribuem para a manutenção das relações sociais existentes e para a reprodução das condições necessárias ao funcionamento do sistema capitalista.

Para o marxismo, as contradições produzidas pelo próprio desenvolvimento do capitalismo como desigualdade, concentração econômica e precarização das condições de trabalho criam condições para processos de contestação social e transformação histórica. A superação dessas relações dependeria da reorganização das formas de produção e da construção de condições que permitam ao trabalho deixar de ocupar uma posição subordinada à lógica da acumulação de capital e assumir caráter emancipador (Marx; Engels, 2015).

3.1 O capitalismo contemporâneo: reestruturação produtiva e precarização

O capitalismo contemporâneo vem passando por mudanças profundas nas últimas décadas, mexendo de alto a baixo com a organização do trabalho, com o perfil da classe trabalhadora e com as formas de exploração (Antunes, 2018). A chamada reestruturação produtiva, embalada pela financeirização da economia, pela flexibilização das relações trabalhistas e pela ampliação da terceirização, redesenha o cenário como quem troca o trilho do trem com ele ainda em movimento. O resultado, como analisa Antunes (2018), é um quadro persistente de precarização, no qual o trabalho parece caminhar sobre areia movediça, sempre prestes a afundar.

Nesse novo arranjo, a financeirização ocupa o centro do palco (Antunes, 2018). O capital financeiro assume o papel de maestro, regendo decisões econômicas e políticas ao som da rentabilidade de curto prazo. A produção, antes protagonista, passa a ser figurante, enquanto o emprego e os direitos trabalhistas viram notas de rodapé. O trabalho, que deveria ser motor da riqueza social, passa a ser tratado como despesa incômoda, algo a ser enxugado, cortado, reduzido, como se fosse gordura e não músculo.

Logo em seguida, entra em cena a flexibilização das relações de trabalho, vendida como modernização, mas que, na prática, soa como porta rangendo em casa velha (Antunes, 2018). Contratos temporários, jornadas intermitentes, pejetização e outras formas atípicas de contratação se espalham como vento em dia seco. Esses mecanismos afrouxam o vínculo empregatício, corroem a proteção social e ampliam a sensação de instabilidade. A terceirização, por sua vez, age como tesoura invisível, recortando a classe trabalhadora em pedaços, dificultando a organização coletiva e enfraquecendo a ação sindical, como quem desmonta um quebra-cabeça e mistura todas as peças.

É nesse terreno instável que Antunes (2018) identifica o chamado novo proletariado de serviços. Diferente do operário industrial clássico, esse contingente atua em setores como serviços, logística, comércio, call centers, plataformas digitais, transporte e entrega por aplicativos. Trata-se de uma classe trabalhadora múltipla e fragmentada, marcada por vínculos frágeis, salários baixos, alta rotatividade e uma exploração intensa do tempo e da força de trabalho. O relógio parece sempre correr mais rápido para esse trabalhador, enquanto o bolso anda em câmera lenta.

A expansão da economia digital acelera ainda mais esse processo (Antunes, 2018). As tecnologias da informação e comunicação, embora aumentem a produtividade, também substituem trabalhadores por máquinas, algoritmos e sistemas automatizados. Ao mesmo tempo, instauram novas formas de controle, nas quais o trabalhador permanece permanentemente conectado, como se estivesse preso a uma coleira invisível, sempre disponível, sempre avaliado, sempre pressionado por metas que piscam na tela como semáforo em alerta.

Junto a isso, ganha força a ideologia do empreendedorismo e da chamada autonomia precária (Abílio, 2021). O discurso do empreendedor de si mesmo aparece como promessa de liberdade, flexibilidade e independência. Contudo, na prática, o que se vê é a transferência dos riscos do capital para o trabalhador, que passa a arcar com custos, insegurança e ausência de direitos. A tal autonomia, muitas vezes, é mais fachada do que fundamento, funcionando como cortina de fumaça que encobre relações de subordinação e exploração.

Apesar desse cenário pesado, Antunes (2018) aponta para a existência de uma possível luz no fim do túnel. Não se trata de otimismo ingênuo, mas do reconhecimento de que a história é feita de conflitos, disputas e viradas inesperadas. Movimentos sociais, sindicatos, organizações políticas e formas coletivas de resistência continuam sendo ferramentas fundamentais na luta por direitos, dignidade e melhores condições de trabalho. Mesmo quando o caminho parece escuro, há sempre quem acenda um fósforo.

A retomada do debate sobre a emancipação humana, inspirada nas tradições críticas do pensamento social e no legado de Marx, surge como horizonte teórico e político (Marx; Engels, 2015). Trata-se de questionar a naturalização da precarização e da servidão moderna, recolocando o trabalho no centro da vida social, não como simples mercadoria, mas como atividade humana orientada para a dignidade, a justiça social e a realização coletiva.

Assim, o capitalismo contemporâneo, ao mesmo tempo em que amplia suas formas de dominação por meio da financeirização, da flexibilização e da terceirização, também produz contradições que abrem espaço para a crítica e para a resistência (Antunes, 2018). A luz no fim do túnel, como sugere Antunes, não é garantia, mas possibilidade histórica, dependente da capacidade de organização, consciência e luta da classe trabalhadora diante dos desafios impostos pela nova morfologia do trabalho. Em outras palavras, o futuro não está dado: ele é disputado, passo a passo, no chão duro do presente.

3.2 A uberização como forma de organização do trabalho

A uberização pode ser compreendida como um modelo contemporâneo de organização do trabalho sustentado por plataformas digitais que intermedeiam a oferta e a execução de serviços (Antunes, 2020). Nesse arranjo, o trabalho acontece sob a lógica da demanda, quase como um toque de campainha virtual: só se trabalha quando o aplicativo chama, e o pagamento vem por corrida, entrega ou tarefa concluída. À primeira vista, o discurso vende autonomia e flexibilidade, como se cada trabalhador fosse dono do próprio tempo. No entanto, por trás dessa vitrine iluminada, esconde-se, muitas vezes, uma relação de emprego tradicional travestida de modernidade, aquilo que diversos autores apontam como vínculo empregatício disfarçado.

Um dos traços mais marcantes desse modelo é a transferência dos riscos e dos custos da atividade econômica para o trabalhador, que passa a carregar nas costas o peso do negócio (Abílio, 2019). Combustível, manutenção, equipamentos, internet, seguros e até o tempo de espera não remunerado entram na conta do prestador. Enquanto isso, a plataforma, com sua aparência neutra e tecnológica, dita o ritmo, distribui tarefas, avalia desempenhos e influencia a remuneração por meio de algoritmos e sistemas de pontuação. Trata-se de uma forma sutil, porém firme, de subordinação algorítmica, na qual o comando não vem de um chefe visível, mas de códigos invisíveis que apitam, vibram e decidem (Abílio, 2019).

A empresa Uber consolidou-se como o exemplo mais emblemático desse modelo, funcionando como uma espécie de espelho global para outras plataformas de entrega, serviços domésticos e freelancing digital (Abílio, 2019; Srnicek, 2018). Sua atuação revela como essas empresas se apresentam juridicamente como simples intermediadoras tecnológicas, negando o vínculo empregatício, embora exerçam, na prática, poderes típicos do empregador, como direção, controle e fiscalização. Há, nesse cenário, uma ironia silenciosa: quanto mais se fala em inovação e empreendedorismo individual, mais se encobrem relações marcadas pela precarização, como se a modernidade servisse de cortina para esconder velhas formas de exploração (Abílio, 2019).

A ausência de direitos trabalhistas, como férias, 13º salário, FGTS e proteção previdenciária adequada, amplia a vulnerabilidade desses trabalhadores, que seguem na estrada sem cinto de segurança jurídico, expostos às curvas do mercado e às freadas bruscas da instabilidade (Antunes, 2020). Assim, a uberização não apenas redefine a forma de trabalhar, mas também tensiona os marcos tradicionais de proteção social, lançando um aviso antecipado sobre a necessidade de novas formas de regulação e de um debate jurídico, econômico e social mais atento às transformações do trabalho na era das plataformas.

3.3 A uberização à luz da teoria marxista

À primeira vista, as plataformas digitais costumam ser associadas a ideias de modernidade, inovação e flexibilidade. O discurso construído em torno desse modelo de trabalho enfatiza aspectos como autonomia, liberdade na gestão do tempo e possibilidade de geração de renda mediada pela tecnologia. No entanto, uma análise crítica demonstra que, por trás dessas transformações tecnológicas, permanecem estruturas históricas relacionadas à organização capitalista do trabalho.

A chamada uberização do trabalho insere-se nesse contexto como expressão da reestruturação produtiva contemporânea. Não representa uma ruptura com a lógica capitalista, mas uma reconfiguração de seus mecanismos de funcionamento. O trabalho continua sendo elemento central na produção de valor, embora agora mediado por plataformas digitais, sistemas algorítmicos e novas formas de gerenciamento e controle.

No capitalismo de plataforma, a apropriação do valor produzido pelos trabalhadores permanece como elemento estruturante. Ainda que a atividade seja realizada por meio de aplicativos, o trabalhador continua responsável pela execução direta do serviço, assumindo custos relacionados aos instrumentos de trabalho, manutenção, deslocamento e disponibilidade de tempo. Ao mesmo tempo, as plataformas mantêm controle sobre elementos fundamentais da

atividade, como distribuição de demandas, definição de critérios de desempenho e alterações nas condições operacionais.

Nesse cenário, o discurso da autonomia torna-se um dos principais elementos de legitimação desse modelo. Embora os trabalhadores possuam certa flexibilidade para definir horários e disponibilidade, os mecanismos algorítmicos de ranqueamento, aceitação de demandas e avaliação permanente influenciam diretamente as condições de acesso ao trabalho e à renda. Dessa forma, observa-se uma dinâmica em que a aparente liberdade convive com formas contínuas de monitoramento e indução comportamental.

Entretanto, esse processo não ocorre sem resistência. Paralelamente à ampliação da precarização e da fragmentação das relações laborais, também surgem formas de organização coletiva entre trabalhadores de plataformas digitais. No contexto brasileiro, movimentos como o “Breque dos Apps” que é um movimento nacional e autônomo de entregadores de aplicativos, realizado por entregadores em diferentes cidades do país, evidenciaram reivindicações relacionadas à melhoria da remuneração, transparência nos critérios das plataformas e ampliação da proteção social. Da mesma forma, associações e coletivos de motoristas de aplicativo têm buscado ampliar o debate sobre condições de trabalho, regulamentação e reconhecimento de direitos. Essas iniciativas demonstram que, mesmo em contextos marcados pela individualização do trabalho e pela gestão algorítmica, persistem tentativas de reconstrução de formas coletivas de mobilização e reivindicação.

3.4 Alienação em versão digital

Se antes a fábrica concentrava máquinas e operários sob o mesmo teto, hoje a fábrica cabe no bolso. O trabalhador olha para a tela e a tela olha de volta. Mas não é um olhar neutro. É um olhar que mede, avalia, classifica e pune. O processo de trabalho escapa das mãos do trabalhador e passa a ser comandado por códigos que ninguém vê, mas todos sentem. Essa interpretação dialoga com

as reflexões de Antunes (2020) sobre a intensificação do controle digital e com as análises de Abílio (2021) acerca da gestão algorítmica do trabalho.

A figura do parceiro, do empreendedor de si mesmo, surge como máscara ideológica. O trabalhador é chamado de dono do próprio negócio, mas não define preço, não escolhe regras e não controla o fluxo de trabalho. É dono só no discurso. Na prática, é peça substituível, facilmente desconectada, bloqueada ou silenciada com um simples aviso no aplicativo. A alienação se aprofunda, pois o trabalhador se distancia não apenas do produto do seu trabalho, mas também do controle sobre o próprio ato de trabalhar.

Além disso, o isolamento se intensifica. Cada um por si, cada corrida por vez, cada entrega como se fosse a única. O coletivo se dissolve. A experiência comum vira ruído de fundo. A classe trabalhadora aparece fragmentada, espalhada pelas ruas, conectada pelo mesmo sistema, mas separada na prática. A alienação, aqui, não é só econômica. É também social, simbólica e afetiva.

3.5 A tecnologia como véu

A plataforma se apresenta como neutra, quase como se fosse apenas uma ponte entre quem precisa e quem oferece o serviço. O aplicativo aparece como mediador técnico, como se não houvesse interesses, decisões e estratégias por trás de cada linha de código. O algoritmo vira personagem principal, enquanto o capital se esconde nos bastidores.

Quando um trabalhador é bloqueado, diz-se que foi o sistema. Quando o valor da corrida cai, foi o ajuste automático. Quando a demanda some, foi o mercado. A responsabilidade evapora. A tecnologia funciona como véu, cobrindo as relações sociais com uma camada de aparente neutralidade. Assim, o poder do capital se transforma em rotina técnica, em regra do aplicativo, em notificação silenciosa que apita e segue.

Esse controle também aparece na forma como o algoritmo pressiona os trabalhadores diariamente. A promessa de flexibilidade esconde uma lógica que induz o entregador a assumir riscos para cumprir prazos e manter a produtividade exigida pela plataforma. O algoritmo acaba incentivando, ainda

que de maneira indireta, comportamentos perigosos, como furar sinais ou acelerar além do limite para concluir entregas dentro do tempo esperado. Essa pressão não acontece de forma explícita, mas silenciosa: atrasos podem resultar em bloqueios, diminuição das chamadas ou redução dos ganhos. Assim, muitos trabalhadores se sentem obrigados a aceitar condições cada vez mais precárias para evitar punições financeiras.

Esse processo contribui para naturalizar a dominação. O que é, na essência, relação social de exploração, aparece como simples funcionamento do sistema. O algoritmo que não tem rosto, não tem ideologia. Mas tem dono e esse dono não está na rua.

Essa dinâmica pode ser compreendida à luz do conceito marxista de fetichismo da mercadoria, adaptado às plataformas digitais por autores como Srnicek (2018) e Antunes (2020).

3.6 Tecnologia, controle e intensificação do trabalho

A incorporação da tecnologia no capitalismo de plataforma não elimina o trabalho vivo. Pelo contrário. Ela o aperta, acelera e espreme. A composição orgânica do capital se eleva, mas o trabalhador continua sendo o elo fundamental. A diferença é que agora o controle é mais fino, mais constante e mais difícil de escapar.

O tempo é cronometrado. O trajeto é monitorado. O desempenho é pontuado. Cada movimento vira dado. Cada dado vira critério. Cada critério vira pressão. O trabalhador corre contra o relógio, contra o aplicativo e contra a própria exaustão. O ritmo se intensifica. O cansaço se acumula. O corpo sente. A mente também. Conforme Abílio (2021), os mecanismos de avaliação e monitoramento das plataformas constituem formas contemporâneas de gestão algorítmica que intensificam o controle sobre a força de trabalho.

A promessa de eficiência esconde a intensificação da exploração. A tecnologia, longe de libertar, atua como engrenagem que ajusta o ritmo da exploração ao limite do suportável. O trabalhador não é apenas explorado. É

medido, avaliado e comparado o tempo todo, como se fosse peça em teste permanente.

3.7 Fragmentação e precarização no trabalho sob demanda

O trabalho sob demanda não é apenas instável. Ele é estruturado para ser instável. A incerteza faz parte do modelo. Hoje tem corrida. Amanhã não se sabe. Hoje tem entrega. Amanhã, talvez. Essa instabilidade corrói qualquer planejamento, qualquer segurança, qualquer horizonte mais longos.

A fragmentação da classe trabalhadora se aprofunda. Cada trabalhador vive sua própria corrida, sua própria entrega, sua própria luta diária. A organização coletiva encontra obstáculos. O vínculo é frágil. A identidade comum se dilui. O resultado é um cenário em que a precarização não é exceção. É regra.

Nesse contexto, o capitalismo de plataforma se alimenta da dispersão. Quanto mais isolado o trabalhador, mais difícil resistir. Quanto mais individualizada a experiência, mais fácil naturalizar a exploração como problema pessoal, como falha individual, como falta de esforço.

Apesar disso, o sistema não é blindado. Há rachaduras. Há ruídos. Há resistência. Entregadores que param. Motoristas que se organizam. Grupos que se formam. Processos judiciais que avançam. Protestos que ocupam ruas e redes. A luta não desaparece. Ela muda de forma.

Essas mobilizações revelam que, mesmo em meio à fragmentação, persiste a percepção de que há algo errado. Persistem tentativas de reconstruir o coletivo, de nomear a exploração, de disputar direitos. A uberização, ao mesmo tempo em que dispersa, também produz conflitos. E onde há conflito, há possibilidade de transformação.

CAPÍTULO II

MEMORIAL

Roberto Vieira Manso Filho

A construção deste documentário foi um processo acadêmico, profissional e pessoal que exigiu organização, adaptação e persistência ao longo de toda a sua realização. Este Trabalho De Conclusão De Curso foi desenvolvido em meio a leituras, entrevistas, gravações, edição e uma rotina marcada pela necessidade de conciliar diferentes responsabilidades profissionais e acadêmicas. Cada etapa exigiu planejamento e dedicação para transformar uma inquietação em pesquisa e uma pesquisa em narrativa audiovisual.

Desde o início do projeto, a intenção foi produzir um trabalho que aproximasse o conhecimento teórico da realidade vivida pelos trabalhadores. A escolha pelo documentário surgiu do interesse em compreender a uberização para além dos conceitos e dados estatísticos, buscando apresentar experiências concretas e trajetórias que ajudam a revelar como as transformações contemporâneas do trabalho impactam a vida cotidiana.

O processo começou pela etapa teórica. Antes do início das gravações, foi necessário desenvolver a pesquisa bibliográfica e construir o referencial que orientaria tanto o texto acadêmico quanto o documentário. As leituras realizadas ao longo desse percurso permitiram ampliar a compreensão sobre o trabalho contemporâneo, a economia de plataformas e os processos de precarização. Os autores estudados contribuíram para definir os temas centrais da investigação e também serviram de base para a elaboração do roteiro das entrevistas.

Paralelamente à construção teórica, iniciou-se a busca pelas fontes. Essa etapa exigiu contato com trabalhadores, apresentação do projeto e organização de agendas para realização das entrevistas. Encontrar participantes dispostos a compartilhar suas experiências demandou tempo, disponibilidade e construção de confiança. Cada conversa trouxe elementos que ajudaram a direcionar o documentário e ampliar a compreensão do fenômeno estudado.

Durante esse processo, uma das principais dificuldades encontradas foi a identificação e o contato com mulheres que atuam em plataformas de trabalho

por aplicativo e que estivessem dispostas a conceder entrevistas. A predominância masculina em determinadas atividades, somada à limitação de tempo e à resistência de alguns profissionais em expor suas experiências, tornou o acesso a essas fontes mais desafiadoras. Ainda assim, a busca por diferentes perspectivas foi mantida ao longo da produção, com o objetivo de garantir maior diversidade de vozes e vivências na construção narrativa do documentário.

Outra dificuldade enfrentada durante a elaboração do trabalho esteve relacionada à adaptação à linguagem acadêmica e às exigências metodológicas da pesquisa científica. Tal desafio foi intensificado pelo fato de que as disciplinas voltadas para projetos de pesquisa terem sido ofertadas nos períodos iniciais do curso, o que ocasionou um distanciamento temporal entre esses conteúdos e a etapa de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. Dessa forma, foi necessário retomar conceitos, normas e procedimentos acadêmicos ao longo da produção, em um processo contínuo de aprendizado e aperfeiçoamento da escrita científica.

Toda a produção audiovisual foi realizada de forma independente. As gravações foram conduzidas individualmente, assumindo simultaneamente funções relacionadas à pesquisa, produção, entrevistas, operação de câmera, captação de áudio e organização logística. Cada encontro exigiu preparação prévia dos equipamentos, definição dos locais de gravação e adaptação às condições disponíveis e à rotina dos participantes. Uma das dificuldades encontradas durante a produção audiovisual foi a captação de imagens complementares de entregadores que utilizam bicicletas como principal meio de trabalho.

Para a realização do documentário, foi utilizado um conjunto de equipamentos que permitiu desenvolver o projeto com mobilidade e qualidade técnica compatível com os objetivos propostos. As imagens foram captadas com um iPhone 16 Pro Max emprestado para a produção, enquanto o áudio foi registrado por meio de um microfone Hollyland Lark A1, também cedido temporariamente, pelo meu amigo Felipe Barroso para a realização do projeto. Além disso, foram utilizados um tripé e uma ring light, adquiridos especificamente para auxiliar na produção, com investimento aproximado de R\$ 180,00. Esses

equipamentos contribuíram para garantir maior estabilidade das imagens e melhor qualidade de iluminação durante as entrevistas e demais registros audiovisuais.

Um dos principais desafios durante todo o processo foi conciliar o desenvolvimento do TCC e a produção do documentário com a rotina profissional. Durante esse período, foram mantidos dois empregos paralelamente às atividades acadêmicas. Isso exigiu reorganização constante do tempo, adaptação da rotina e aproveitamento dos horários disponíveis para avançar nas diferentes etapas do projeto. Em muitos momentos, a escrita ocorreu no período noturno, enquanto gravações e demais atividades precisaram ser distribuídas entre folgas, finais de semana e intervalos entre compromissos profissionais.

Após a conclusão das gravações, iniciou-se a etapa de edição do documentário, também realizada integralmente de forma independente. Esse processo envolveu revisão do material captado, seleção dos trechos das entrevistas, organização narrativa, ajustes de áudio e imagem e construção do ritmo audiovisual do produto final. O objetivo foi construir uma narrativa coerente com a proposta da pesquisa, preservando o sentido dos relatos e articulando os depoimentos com o referencial teórico desenvolvido ao longo do trabalho.

Ao longo dessa trajetória, ficou evidente que produzir um documentário envolve diferentes etapas que vão além da captação de imagens. O processo exigiu escuta, planejamento, capacidade de adaptação e compromisso com os participantes e com o tema investigado.

Concluir este documentário e este Trabalho De Conclusão De Curso representa o encerramento de uma etapa construída com muito esforço e disciplina. Entre leituras, gravações, deslocamentos, jornadas de trabalho e horas de edição, este projeto tornou-se o registro de um processo que buscou aproximar pesquisa acadêmica e realidade social, transformando um tema estudado em uma narrativa construída a partir de experiências reais.

CAPÍTULO III

3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto desenvolvido neste Trabalho de Conclusão de Curso consiste em um documentário audiovisual intitulado “Uberização e Plataformatização: a nova face da precarização do trabalho. Quando a flexibilidade esconde a exploração”. A obra foi produzida com o objetivo de analisar as transformações contemporâneas das relações de trabalho mediadas por plataformas digitais, abordando os impactos da uberização na vida de trabalhadores que atuam como motoristas de aplicativo.

O documentário apresenta relatos de trabalhadores inseridos nesse modelo laboral, buscando compreender aspectos relacionados à autonomia, flexibilidade, jornada de trabalho, remuneração, controle algorítmico e ausência de direitos trabalhistas. A narrativa foi construída a partir de entrevistas em profundidade, associadas a imagens de apoio e recursos audiovisuais que contribuem para a contextualização do tema e para a aproximação entre teoria e realidade social.

A proposta do produto é promover uma reflexão crítica sobre as novas formas de organização do trabalho no capitalismo contemporâneo, evidenciando as contradições existentes entre o discurso de liberdade e empreendedorismo frequentemente utilizado pelas plataformas digitais e as condições concretas enfrentadas pelos trabalhadores.

Do ponto de vista estético e narrativo, o documentário adota características do cinema documental, utilizando depoimentos, registros audiovisuais e elementos visuais que buscam conferir autenticidade às experiências apresentadas. A construção narrativa privilegia a voz dos entrevistados, permitindo que suas trajetórias e vivências ocupem papel central na compreensão do fenômeno investigado.

O público-alvo da produção é composto por estudantes, pesquisadores, trabalhadores de plataformas digitais e demais pessoas interessadas em temas

relacionados ao mundo do trabalho, às transformações tecnológicas e às relações sociais contemporâneas.

Como estratégia de difusão, o documentário será disponibilizado na plataforma YouTube, possibilitando acesso gratuito ao conteúdo e ampliando seu alcance para além do ambiente acadêmico. A escolha dessa plataforma está relacionada à sua capacidade de circulação de conteúdos audiovisuais e ao potencial de fomentar o debate público sobre questões sociais relevantes.

Dessa forma, o produto busca contribuir para a compreensão crítica da uberização e da plataformatização do trabalho, utilizando a linguagem audiovisual como instrumento de informação, reflexão e visibilidade social.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, articulando investigação teórica e produção documental como estratégia para compreender o fenômeno da uberização do trabalho. Essa escolha metodológica parte do entendimento de que as transformações nas relações laborais mediadas por plataformas digitais envolvem dimensões que ultrapassam indicadores quantitativos, exigindo atenção às experiências, percepções e interpretações construídas pelos sujeitos envolvidos.

A pesquisa estrutura-se na articulação entre teoria e prática. No plano teórico, desenvolve-se por meio de revisão bibliográfica com foco em autores que discutem trabalho, capitalismo contemporâneo e economia de plataformas. Foram utilizados livros, artigos científicos, capítulos de obras e produções acadêmicas que contribuíram para a construção do referencial analítico do estudo, com destaque para autores como Marx, Engels, Antunes, Abílio e Srnicek. A partir dessas contribuições teóricas, são mobilizadas categorias como trabalho, exploração, mais-valia, alienação, precarização, subordinação algorítmica e plataformatização.

No plano empírico, a pesquisa materializa-se na produção de um documentário jornalístico, concebido simultaneamente como produto acadêmico e instrumento metodológico de investigação. A construção narrativa não ocultou a presença do realizador, assumindo a entrevista não como um 'depoimento neutro', mas como uma cena de coprodução de sentido entre pesquisador e trabalhador.

A construção narrativa do documentário foi orientada pelas categorias analíticas desenvolvidas ao longo da pesquisa. O roteiro buscou explorar aspectos relacionados à percepção de autonomia, às jornadas de trabalho, à instabilidade da renda, aos custos operacionais, aos mecanismos de controle das plataformas e aos impactos subjetivos do trabalho mediado por aplicativos.

A seleção dos participantes priorizou trabalhadores vinculados a plataformas digitais de transporte, especialmente motoristas de aplicativo, considerando diferentes trajetórias profissionais, tempos de atuação e perfis

distintos. Essa escolha teve como objetivo ampliar a diversidade de experiências representadas e evitar interpretações homogêneas sobre o fenômeno investigado.

As entrevistas foram realizadas com base em questões semiestruturadas, permitindo que os participantes desenvolvessem livremente seus relatos ao mesmo tempo em que se mantinha alinhamento com os objetivos da pesquisa. O procedimento buscou compreender como os trabalhadores interpretam suas condições de trabalho e de que forma percebem aspectos relacionados à flexibilidade, autonomia, remuneração e controle exercido pelas plataformas.

Após sua finalização, o documentário foi disponibilizado na plataforma YouTube como forma de ampliação do acesso ao conteúdo produzido. A escolha da plataforma está relacionada ao seu potencial de circulação e alcance público, permitindo que o material ultrapasse o espaço acadêmico e amplie o debate sobre as transformações contemporâneas do trabalho.

No que se refere aos aspectos éticos, os participantes foram previamente informados sobre os objetivos da pesquisa e autorizaram o uso de suas falas e imagens para fins acadêmicos e documentais. Buscou-se garantir o respeito à integridade dos participantes e evitar exposições desnecessárias ao longo do processo de produção.

Do ponto de vista metodológico, a natureza qualitativa do estudo e o número limitado de participantes não permitem generalizações estatísticas. Os resultados devem ser compreendidos como expressões situadas, que revelam tendências, contradições e padrões do fenômeno da uberização, sem a pretensão de esgotar sua complexidade. Ainda assim, a articulação entre teoria crítica, análise documental e produção do documentário confere densidade analítica ao trabalho, permitindo compreender a uberização como fenômeno estrutural e, ao mesmo tempo, como experiência concreta.

CAPITULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender a uberização como uma das principais expressões das transformações contemporâneas nas relações de trabalho, analisando seus impactos sobre as condições de vida dos trabalhadores e suas conexões com processos mais amplos de flexibilização e precarização laboral.

A articulação entre referencial teórico e produção de um documentário como prática cinematográfica permitiu observar que a linguagem audiovisual, quando assume sua potência estética e subjetiva, pode revelar dimensões da uberização que os dados e os conceitos, sozinhos, não alcançam: a hesitação no olhar do motorista, o silêncio na espera por uma corrida, o cansaço que não cabe em gráficos.

As entrevistas realizadas permitiram aproximar o debate teórico das experiências concretas dos participantes, evidenciando como essas transformações impactam rotinas, expectativas e formas de inserção no mercado de trabalho.

Reconhece-se que este estudo possui limitações relacionadas ao recorte e ao número de participantes, não tendo como objetivo produzir generalizações. Ainda assim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar o debate sobre uberização, trabalho e plataformas digitais, incentivando reflexões sobre os desafios contemporâneos relacionados às condições de trabalho, proteção social e direitos dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Ludmila. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas* vol.18 no.3 Valparaíso, 2019.
- ABÍLIO, Ludmila.; AMORIM, Henrique.; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformização do trabalho no brasil: conceitos, processos e formas. *Sociologias*, ano 23, n. 57, p. 26-56, Porto Alegre 2021.
- ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 1. Ed, 2018.
- ANTUNES, Ricardo. Uberização, trabalho digital e indústria 4.0 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BERNARD, Sheila Curran. Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- BERNARDO, João. Economia dos conflitos sociais. São Paulo: Expressão Popular, 1991.
- COMOLLI, Jean. Ver e poder a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte, UFMG, 2008.
- COUTINHO, Eduardo (dir.). Cabra marcado para morrer. Rio de Janeiro: Mapa Filmes, 1984. 1 filme (119 min), son., color.
- COUTINHO, Eduardo (dir.). Edifício Master. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2002. 1 filme (110 min), son., color.
- DA-RIN, Sílvio. Espelho partido: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.
- ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do estado. São Paulo, Lafonte, 2020.
- HARVEI, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Ipiranga: Edições Loyola, 1992.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo, Loyola, 1992.
- HOLANDA, Karla. Documentário brasileiro contemporâneo. São Paulo: Papyrus, 2006.
- KOVACH, Bill.; Rosentiel, Tom. Os elementos do jornalismo: O que os profissionais do jornalismo devem saber e o publico deve exigir. Portugal: Porto, 2004.

- MARX, Karl. O capital. São Paulo, Veneta, 2014.
- MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. O manifesto do Partido comunista. São Paulo, Edipro, 2015.
- NETTO, José.; Braz, Marcelo. Economia Política: uma introdução crítica. Perdizes: Cortez, 2017.
- NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas, Papirus, 2016.
- RAMOS, Fernao. Mas afinal...o que é mesmo documentário? São Paulo, Senac, 2008.
- SALLES, João Moreira. Entreatos. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2004. Filme.
- SALLES, João Moreira. Santiago. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2007. Filme.
- SRNICEK, Nick. Capitalismo de plataformas. Argentina, Caja Negra, 2018.
- TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed, 2005.
- VANOYE, Francis. Documentário: uma forma outra de cinema. Campinas: papirus, 2017.
- VANOYE, Francis; GOLLOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise fílmica. Campinas: Papirus, 1994.
- XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

APÊNDICE I

4. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Para a produção do documentário e obtenção dos dados empíricos desta pesquisa, foi utilizado um **roteiro de entrevistas semiestruturadas**, elaborado a partir das categorias teóricas discutidas ao longo do trabalho. A escolha desse instrumento teve como objetivo permitir que os participantes apresentassem livremente suas experiências e percepções, ao mesmo tempo em que garantiu alinhamento entre os relatos e os objetivos da pesquisa.

As entrevistas foram organizadas em eixos temáticos que orientaram a construção narrativa do documentário e possibilitaram investigar diferentes dimensões da experiência do trabalho mediado por plataformas digitais. O roteiro foi estruturado da seguinte forma:

4.1 Identificação dos participantes e caracterização da atividade laboral

Questões voltadas à apresentação dos entrevistados e compreensão inicial do contexto de trabalho.

- Qual seu nome?
- Há quanto tempo você trabalha com aplicativo?
- Qual foi a primeira plataforma que começou a utilizar?
- Como é um dia comum de trabalho para você?
- Quantas horas por dia costuma trabalhar?

4.2 Percepções sobre autonomia e flexibilidade no trabalho por plataformas

Questões relacionadas às expectativas iniciais e à percepção de liberdade e controle sobre o trabalho.

- O que motivou o início da atividade em plataformas digitais?
- Na época, quais fatores mais atraíram nesse modelo de trabalho?

- Existia expectativa de maior liberdade ou autonomia?
- Atualmente, sente que controla o próprio tempo de trabalho?
- Considera-se um trabalhador autônomo? Por quê?
- A experiência corresponde às expectativas iniciais?

4.3 Jornada de trabalho e organização da rotina

Questões destinadas a compreender intensidade do trabalho e impactos na vida cotidiana.

- Quantas horas por dia são necessárias para alcançar uma renda considerada satisfatória?
- O trabalho ocorre todos os dias da semana?
- Já deixou de participar de momentos familiares ou sociais em função do trabalho?
- Como avalia o trabalho em horários de maior demanda, como madrugadas, feriados ou períodos de chuva?
- Já precisou utilizar os canais de suporte da plataforma? Como foi essa experiência?

4.4 Custos operacionais e condições de trabalho

Questões relacionadas à remuneração, despesas e percepção sobre condições laborais.

- Ao final do mês, qual é a percepção sobre a renda líquida após os custos operacionais?
- Considera justa a porcentagem retida pela plataforma?
- Quais são os principais custos envolvidos na atividade?

- Já precisou continuar trabalhando mesmo em situações de adoecimento?
- Já enfrentou dificuldades financeiras relacionadas ao trabalho por aplicativo?
- Já se sentiu desvalorizado pelo sistema ou pelos clientes?

4.5 Relação com a plataforma e mecanismos de controle

Questões destinadas a compreender experiências de monitoramento e dependência da plataforma.

- Já enfrentou problemas relacionados ao aplicativo ou avaliações de clientes?
- Já recebeu advertências ou sofreu bloqueios?
- Como descreve essa experiência?

4.6 Controle algorítmico e percepção de autonomia

Questões voltadas à compreensão da influência dos sistemas digitais na organização do trabalho.

- Existe percepção de controle exercido pelo aplicativo?
- As avaliações dos clientes geram pressão ou receio de bloqueios?
- Já deixou de recusar corridas para evitar impactos na pontuação?
- Como é depender de um algoritmo que você não conhece?

4.7 Impactos do trabalho na vida pessoal e perspectivas futuras

Questões relacionadas à segurança econômica e expectativas profissionais.

- Existe contribuição para aposentadoria ou INSS?

- Há percepção de segurança financeira nesse modelo de trabalho?
- Como imagina o futuro profissional?
- Pretende permanecer nessa atividade por longo período?
- Caso surgisse outra oportunidade profissional, deixaria o trabalho por aplicativo?

4.8 Reflexões sobre o modelo de trabalho por plataformas

Questões finais destinadas à construção de interpretações mais amplas sobre o fenômeno investigado.

- Na sua opinião, quem mais se beneficia desse modelo de trabalho?
- O que os usuários dos aplicativos geralmente desconhecem sobre a realidade dos trabalhadores?
- Se pudesse enviar uma mensagem aos responsáveis pelas plataformas, o que diria?
- Você acredita que esse modelo de trabalho precisa mudar? De que forma?

O roteiro foi utilizado como instrumento orientador, permitindo adaptações durante as entrevistas conforme o desenvolvimento das narrativas e a especificidade das experiências compartilhadas pelos participantes.

APÊNDICE II

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

UBERIZAÇÃO E PLATAFORMATIZAÇÃO A NOVA FACE DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Quando a flexibilidade esconde a exploração

Entrevistados:

- **Frederico Damasceno Trindade**
- **Igor Rocha**
- **Vandeilson Rodrigues Passos**
- **Wanderson Lima Faustino**

APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

00:14 – Frederico Damasceno Trindade

00:16 – Igor Rocha

00:17 – Vandeilson Rodrigues Passos

00:19 – Wanderson Lima Faustino

00:20 – Frederico Damasceno Trindade

“Trabalhei dois anos direto, seguido.”

00:24 Igor Rocha

“Oito anos.”

00:25 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Cerca de um ano e quatro meses.”

00:27 – Wanderson Lima Faustino

“Uns quatro anos.”

00:28 – Frederico Damasceno Trindade

“Foi a Uber Eats, na verdade, quando existia. Depois eu migrei para a Uber.”

00:33 – Igor Rocha

“Trabalhei na Uber, 99 e Deliveroo.”

00:37 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Comecei com a 99 e depois entrei na Uber também.”

00:41 – Wanderson Lima Faustino

“Uber.”

00:41 – Frederico Damasceno Trindade

“Para ter uma renda mensal legal, você precisa trabalhar pelo menos oito horas, nove horas, às vezes até dez.”

00:49 – Igor Rocha

“O mínimo é dez horas.”

00:50 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Em média, de nove a dez horas. “Normalmente eu início às seis. Dependendo de como foi o dia anterior, começo até mais cedo.”

01:00 – Wanderson Lima Faustino

“Dez, onze, doze horas.”

01:25 – Frederico Damasceno Trindade

“Um dia comum de trabalho é começar às cinco da manhã, no máximo seis, e parar às sete da noite.”

01:04 – Frederico Damasceno Trindade

“É mais falta de oportunidade mesmo, de um trampo que era mais bem pago, sabe? Eu sempre trabalhei de freelancer também, por conta da faculdade, que impedia fazer muitas coisas. Então, eu trabalhava na Uber por, às vezes, ter mais flexibilidade de horário, para poder trabalhar e estudar, e a remuneração acabava sendo uma diária de um freelancer qualquer. Então, é a mesma coisa, sim.”

01:24 – Igor Rocha

“Um dia comum de trabalho é começar cinco da manhã, no máximo seis e parar às sete.”

01:33 – Wanderson Lima Faustino

“Eu via as pessoas andando de bicicleta com bag, eu falava, será que como é que é? Começou pela curiosidade”

01:40 – Frederico Damasceno Trindade

“Mais pela questão da flexibilidade de horário mesmo, assim, poder ligar o aplicativo e fazer o horário que eu consegui fazer ali, na verdade.”

01:49 – Igor Rocha

“Essa facilidade de você poder estar trabalhando em qualquer lugar que você quiser, na cidade, né?”

01:55 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Na época eu estava em uma empresa, eu estava trabalhando e eu não estava tão confortável. Era um trabalho de risco, mexia com uma parte um pouco elétrica, eu precisava de mais autonomia, de uma motocicleta. Aí isso foi duas questões que me motivaram a começar com o aplicativo.

02:20 – Wanderson Lima Faustino

“Sou padeiro e pizzaiolo, profissionalmente, 15 anos, tem, tem mais liberdade. Em vista de CLT, você tem a liberdade que você quer, pra falar a verdade. Mas eu tenho o meu tempo livre, eu que faço, menos você ganha.”

02:23 – Frederico Damasceno Trindade

“Se fosse melhor pago, eu teria mais liberdade, mas acaba que não faz muita diferença.”

02:29 – Igor Rocha

“Pelo fato de, talvez, você ter que fazer uma meta e não poder parar, né? Então, você tem que continuar trabalhando até aquele horário ali, pra você poder bater a sua meta.”

02:39 – Vandeilson Rodrigues Passos

“O que mais me atraiu, a liberdade, porque eu teria ali um final de semana pra ficar em casa, e como a empresa exigia uma escala aos finais de semana, eu vi essa vantagem.”

02:49 – Wanderson Lima Faustino

“Pego das sete da manhã até nove, dez da noite. Nem almoço, porque eu pego um café da manhã reforçado, já às 6 da manhã eu levanto cinco, pego um café da manhã reforçado às seis, para as seis e vinte eu saio de casa.”

03:02 – Frederico Damasceno Trindade

“Às vezes até tentava sair mais cedo, terminar um pouco mais tarde o trabalho, mas às vezes não rolava, assim, por conta da demanda do aplicativo.”

03:09 – Igor Rocha

“Por poder trabalhar o dia que quer, né? Até conseguir o ganho ali que você ter esperado e poder parar de trabalhar quando você puder, né?”

03:19 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Não, porque pra mim ter uma boa renda na plataforma, eu preciso de um tempo de trabalho. Então eu controlo o final de semana. Se foi bom ou ruim, eu vou fazer as minhas coisas, mas controle absoluto, no meu ver, não tenho.”

03:39 – Frederico Damasceno Trindade

“Autônomo não, né? Porque a gente trabalha pra uma empresa, né? Então, autônomo é quem não depende, assim, de empresa, né? Então, autônomo eu não me considero, de verdade.”

03:49 – Igor Rocha

“Em parte, sim, porque você trabalha e recebe pelo que você trabalhou. Às vezes, assim, não dá pra você fazer mais do que aquilo, né?”

03:58 – Wanderson Lima Faustino

“Acho um lanchinho barato, comer ele rapidão em cima da moto mesmo, pra não perder tempo. Eu só tiro um tempo livre pra mim, um tempo pessoal, no domingo. Já faltei em compromisso. Apertar as contas, literalmente as contas. Deixei de ir pra compromisso pra poder trabalhar.”

04:13 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Porque tem dias que eu não me sinto disposto ou prefiro fazer outra atividade e tenho essa liberdade, essa autonomia de ir e fazer.

04:23 – Wanderson Lima Faustino

“Como eu trabalho com duas plataformas, uma eu uso pra gasto e a outra eu junto. Junto, entre aspas, forma de falar. Se não é emergência, não tem como juntar.”

04:32 – Frederico Damasceno Trindade

“É bem diferente, né? O que é vendido pra nós, essa ideia, como trabalhador autônomo, entre aspas, assim, é uma concepção completamente diferente. A mais pra mim que trabalhava de bicicleta, assim, porque as necessidades são outras também e o ganho não é o mesmo. Então, eu acho que é bem diferente, assim, do que é passado pra nós, a ideia.”

04:50 – Igor Rocha

É, eu trabalho mais ou menos na quarta, quinta, sexta, sábado e domingo.

04:57 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Normalmente, no sábado e no domingo, eu não trabalho. Assim, eu já imaginava essa dificuldade em questão do dia a dia ali, de eu ser um dia bom e outro ser um dia ruim. Mas tá sendo como eu pensei.”

05:12 – Wanderson Lima Faustino

Por exemplo, uma corrida que saiu pro passageiro lá, tocou pra ele pro vinte lá, pra mim sai pro treze. Geralmente, pra mim, na 99, passageiro, vinte km, vinte reais. Um por um. Só que, desses vinte reais que eu vou receber, o passageiro vai lá só pro vinte nove. Então, daqueles nove reais, vai pra plataforma.

05:28 – Frederico Damasceno Trindade

Considerando que, por hora, dá pra você fazer quinze, vinte reais, às vezes mais, dependendo se tiver as missões.

05:35 – Igor Rocha

“Na madrugada, é bem arriscado”

05:39 – Wanderson Lima Faustino

“Os principais gastos diários? Com a moto, gasolina e óleo. Por exemplo, eu comecei de manhã cedo, a moto já quebrou de manhã, quebrou uma coisa cara na moto e eu não tinha dinheiro ainda. Eu tenho que ligar pra alguém e pedir emprestado. Pra poder arrumar, pra poder ir trabalhar. E o dinheiro que eu fiz no dia, paga a pessoa.”

05:56 – Frederico Damasceno Trindade

“A vantagem da bicicleta é que o seu ganho tá sendo meio que imediato. Porque você não tem gasolina, nem nada. Só que, ao mesmo tempo, tem o desgaste da bicicleta e fora comida também.”

06:06 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Os principais gastos? Gasolina, óleo. Como a gente roda muito, o óleo ali, há quatro dias, já tem que trocar já.”

06:15 – Igor

“Alimentação, porque sempre tem que comer na rua. E combustível, manutenção também.”

06:20 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Passei assim, porque teve semana que não foi tão boa. (6:26) E na época eu tava morando de aluguel. Aí chegou o dia do aluguel ali e apertou. Aí mandei

mensagem pra minha irmã, me ajuda. Aí ela teve esse carinho por mim e me ajudou na época.”

06:42 – Wanderson Lima Faustino

“De contas acumuladas. Acumulou as contas e o aplicativo não dava pra cobrir. Tem aquele mês que é fraco e o aplicativo não dá conta. Você tem mal pra colocar gasolina. Já aconteceu. Eu me acidentei em maio do ano passado, vai fazer um ano. Me acidentei mesmo, de fato, um acidente. (6:59) Quebrei o dedo, os dentes, fraturei a mão e machuquei o maxilar. Com três semanas de repouso eu tive que trabalhar com o dedo quebrado, todo quebrado”

07:08 – Frederico Damasceno Trindade

“É muito difícil juntar dinheiro e receber no diário, ainda mais de bicicleta. Então eu estabilizei um objetivo no dia. Tipo, nessa semana eu preciso comprar comida, preciso arrumar tal coisa. Então eu juntava esse dinheiro na diária.

07:22 – Vandeilson Rodrigues Passos

A gente pega diariamente ou semanalmente. Normalmente a gente já vai comprando as coisinhas já, já vai pagando um boleto ou outro. Então não dá de ver o montante no fim do mês.

07:33 – Wanderson Lima Faustino

“Na época do meu acidente eu entrei em contato. Fui com a Uber, eles falaram que não podiam me ajudar. Cliquei e falei que eu precisava de um dinheiro pelo menos pra comprar remédio, pra me poder trabalhar. Depois que eu me recuperei, que a Uber foi liberar um empréstimo pra mim.”

07:48 – Frederico Damasceno Trindade

“E às vezes você entra em contato pra ser ressarcido, né? Do tempo que você perde ou da distância que você percorre. Aí você acaba ganhando uma mixaria de nada, assim, às vezes. Então eu acho que às vezes eles até incentivam você a não usar o suporte”

08:01 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Foi uma doencinha leve, mas já precisei já. Eu tava me recuperando de uma dengue, né? Peguei uma dengue ali, aí dá aquela dor de cabeça, aquele enjoo ali. Aí tive que ir, né?”

08:13 – Igor Rocha

“Lá fora também é bem desvalorizado esse tipo de trabalho. Pelo cliente e tudo, eles são muito sem educação, muito rude com a gente.”

08:24 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Pra mim deveria ser algo fixo. Por exemplo, 1, 2, 4, 5 reais, entendeu? Por corrida. Mas é uma porcentagem que às vezes da 10, outra vez da 12, outra vez da 15.”

08:38 – Frederico Damasceno Trindade

“A gente recebe muito pouco por corrida. Na Uber, que eu rodei de bicicleta, o mínimo é de R\$ 6,67. E o pior é que às vezes esse valor mínimo é o mesmo dependente da distância. Então às vezes a corrida era de 5km só pra você ir buscar, e era R\$ 6,00. Aí quando aumenta, aumentava alguns centavos, R\$ 1,00 a mais.”

09:01 – Igor Rocha

“Tem muito cliente que entra no carro, não dá nem um bom dia. Às vezes alguns pedem pra você fazer algum favor, parar em algum lugar, e não te dar nem uma gorjeta no aplicativo. Então isso desvaloriza muito o nosso trabalho. E coisa que você não fizer, ele vai te dar uma avaliação baixa.”

09:19 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Em alguns clientes tem um senso, um mesmo senso que eu percebo na profissão dos ambulantes, é o mesmo com os motoboys. Ficou assim, ah, tá fazendo isso porque não dá certo, ou porque é um cara que não tem compromisso.”

09:37 – Wanderson Lima Faustino

“Tem passageiro que quer te desmerecer, desmerecer a moto, o seu veículo de trabalho, sua ferramenta de trabalho, e a plataforma também. A plataforma, se reportar alguma situação que aconteceu, ele não dá crédito.”

09:54 – Frederico Damasceno Trindade

“Pelos clientes também o tempo todo, a história de a gente ter que subir pra poder fazer a entrega e tal. Tem gente que fica enrolando pra pegar o produto, tem gente que fica reclamando de produto, sendo que a gente tá só fazendo um intermédio entre as empresas.”

10:08 – Igor Rocha

“Então, tem a taxa de aceitação que ela cai no aplicativo, e vai ficando baixa, e com isso vai deixando de cair. As corridas melhores pra você vai deixando de cair, se você for rejeitando muitas corridas.”

10:22 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Sim, controla, porque tem a taxa de aceitação e a taxa de finalização. Alguns meses após eu começar, eu comecei a recusar algumas que eu achei que pra mim não era viável, e caiu minha taxa de aceitação.”

10:37 – Wanderson Lima Faustino

“Por exemplo, 99, se um passageiro te avalia mal, uma estrelinha, uma estrela, a sua conta cai. Se você der um azar de cinco passageiros te avaliar mal durante um dia, a sua conta cai de um jeito que não toca.”

10:52 – Igor Rocha

Talvez você quer ir pra uma região de que tá com uma demanda maior, e ele te manda só para as regiões mais periféricas, onde tem mais falta de motorista.

11:04 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Aí eu parei do lado de um colega, parei na distribuidora pra tomar um energético, aí tinha mais dois colegas lá, e começou a tocar pra ele. Só nós dois tava ligado, tocou três corridas pra eles e pra mim não tocou, porque a minha taxa de aceitação tava um pouco baixa. Aí eu falei, peraí, tem um algoritmo aí que tá controlando.”

11:24 – Wanderson Lima Faustino

“É como se fosse uma penalidade. Eles, o algoritmo, o algoritmo da plataforma, a plataforma em si deixa de jogar passageiro pra ti. Tu fica online, você fica online, você fica disponível pra trabalhar, mas não toca corrida pra ti.”

11:40 – Frederico Damasceno Trindade

Já, demais, já. Eu conheço gente que perdeu conta já também, porque, tipo assim, foi fazer uma última corrida com um pouco a bateria, né. E aí a bateria

acaba no meio da corrida, os caras banem você da plataforma simplesmente, porque você não terminou de fazer a corrida, né.”

11:53 Igor Rocha

“É um pouco complicado, né, porque a gente não sabe pra onde que a gente tá indo, então às vezes a gente vai indo pra algum setor, você não sabe aonde você vai estar daqui uma hora, por exemplo, você não sabe. Se você começar a aceitar a corrida aqui, você não sabe em que parte da cidade você vai estar.”

12:15 – Vandeilson Rodrigues Passos

Se recusar muito, cai a taxa de aceitação, né. Aí eu acredito que o aplicativo, os gestores lá entendem que a pessoa não tá disposta a fazer muitas corridas, ou a não fazer, e acabou diminuindo. Mas tem algumas corridas que não compensam.

12:31 – Wanderson Lima Faustino

“Eu tava com 15% da plataforma, tava muito pouca. Então não toca corrida. Pra minha conta subir de novo, eu tinha que aceitar de tudo. 40 quilômetros pagando 20 reais. Você tem que se desvalorizar pra poder receber uma porcentagem boa novamente.”

12:55 – Frederico Damasceno Trindade

“Já tomei várias advertências de cancelamento, que no caso é tipo problema com o endereço, e aí eu não conseguia fazer a finalização do pedido. Aí eu tive que devolver. Nessa, e tipo, não é culpa nossa, sabe, mas tinha que cancelar e direto chegava a notificação pra mim, né, que se continuar esse tipo de ato, eu vou ser banido da conta, etc e tal. E é meio que contar com a sorte mesmo, assim, torcer pra endereço não tá errado, não tem nada de errado, senão eu vou ser banido”

13:23 – Igor Rocha

“Não. Até porque se eu não trabalhar amanhã, eu não recebo, né, então... E não tem nada que me ampara, né, se eu não trabalhar e não tiver recebendo, né.”

13:37 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Não me sinto seguro financeiramente. É um segmento que, normalmente, você pega o recurso diário ou semanal e você já gasta. Já era difícil já juntar alguma

coisa sendo CLT e agora você pegando todo dia ou semanalmente, não passa uma segurança.”

13:52 – Wanderson Lima Faustino

“Ah, é... É apreensivo. É um clima suspenso, é um dia suspenso. Você fica sempre com medo de não bater uma meta durante o dia, de não fazer aquele dinheiro que você imaginava fazer, então você já sai apreensivo de casa, na verdade.”

14:07 – Frederico Damasceno Trindade

“Às vezes uma corrida que é dois quilômetros, assim, tá valendo 30 reais, só que você não aceita porque você sabe que é problema. A maioria das vezes você vai lá, tenta fazer e é problemático, assim, e isso só perde pra atuação.”

14:18 – Igor Rocha

“Trabalhando com o aplicativo, é aquilo ali, a vida inteira, né, isso não vai te render futuro profissional nenhum, né, você vai trabalhar naquilo ali, se você for trabalhar, vai trabalhar a vida inteira naquilo, né.”

14:31 – Vandeilson Rodrigues Passos

“É uma sensação de que você tá sendo meio que ludibriado, porque a gente toma a decisão de começar a trabalhar pra lucrar e até pra ter um bom relacionamento, que é empresa e parceiro. Então, quando o caso que eu citei, de ter uma punição ali não visível pelo algoritmo, eu acho constrangedor.”

14:53 – Frederico Damasceno Trindade

“Não, de forma alguma, assim. Toda essa questão de receber em diário, já é muito difícil, assim. Em aplicativo, então, pior ainda. Pra bicicleta, eu acho que pior ainda, ainda. Porque, né, é muito precarizado, é muito mal pago, o que você ganha é muito volátil, você não tem segurança. Ainda mais de bicicleta ou de moto, assim, que você tá sempre... Qualquer momento, você pode acidentar ali e acabou, sabe? Não tem mais o que fazer, sabe?”

15:24 – Wanderson Lima Faustino

“A minha suspensão da conta da Uber aconteceu da seguinte forma. Eu trabalhava na Uber só com Uber Entrega, Uber Flash, pacote e item. E, nisso, eu entregava muito Drogasil. Era como acontecer? Eu chegar no apartamento, na casa, no estabelecimento, e a pessoa falar que não queria mais a compra. E eu ter que voltar no estabelecimento e devolver. Então, é um cancelamento.

Foi um cancelamento causado pelo cliente, não por mim. Se isso acontecer uma vez durante o dia, tudo bem. Mas, se acontecer, assim, uma, duas, três, quatro vezes, igual aconteceu comigo às vezes, a plataforma, ela entende que você tá causando esse cancelamento pra receber dois valores, que é o de ida e o de volta. E, nisso, eu fui bloqueado, banido da Uber por fraude de cancelamento. Uma coisa que eu não causava.”

16:08 – Frederico Damasceno Trindade

“Eu tinha que sair lá do Samambaia, sempre vou de bicicleta, né? Eu tinha que sair lá do Samambaia, que é, tipo, 10km daqui do centro, 11km, pra poder chegar na área que tem mais movimentação. E aí, de tarde, é um sol absurdamente quente, assim, queima a pele mesmo. Já cheguei a ficar roxo na pele, assim, de pegar sol. Nem fiquei preto, fiquei roxo. E aí, eu prefiro evitar.”

16:29 – Igor Rocha

“Somente o aplicativo, né? Porque o aplicativo, ele cobra as taxas, o motorista faz tudo, né? Trabalha, dá o carro, vai com o carro, combustível. E o aplicativo, às vezes, recebe até 40%, né? Que é um pouco injusto, né?”

16:45 – Vandeilson Rodrigues Passos

“É outra questão que eu ia citar, que é o comodismo. Porque você vê todo dia pingando alguma coisinha, amanhã eu faço, depois eu faço. E há uma acomodação, até pelo tempo livre também, porque tem um período que para as corridas, você para no lugar, come alguma coisa, vai mexer no celular, vai deitar numa praça, num banco como esse aqui. Então, acaba gerando uma acomodação ali.”

17:11 – Wanderson Lima Faustino

“No caso, pessoa que não trabalha de Uber, que não usa como trabalho, ferramenta de trabalho, que ela não sabe que tem muitas coisas que é mentira, tem muitas coisas enganosas, fraudulentas. Por exemplo, esses vídeos de internet, esses caras que gravam, bate mil no dia. Uma ilusão, é ilusão, é uma ilusão. Que as pessoas não sabem que um prejuízo acontece, tem dia ruim.”

17:34 – Frederico Damasceno Trindade

“Só o aplicativo mesmo, que, na verdade, o aplicativo não tem nenhuma responsabilidade, sobre os seus funcionários, entre aspas. E os trabalhadores

estão recebendo como se uma forma meio assalariada, estão recebendo por horas de trabalho.”

17:50 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Quem realmente ganha é o cara que criou, é gênio. Ele nunca carregou um passageiro e tem milhões aí.”

18:01– Wanderson Lima Faustino

“A mensagem que eu mandaria para ambas plataformas, iFood, nós nove, o que eu mandaria era que valorizasse mais os motoboys, os motoristas profissionais.”

18:14 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Cara, em primeiro lugar, com toda dificuldade, eu agradeceria. Em primeiro lugar, agradecer, porque é um projeto, é uma inovação que está mudando a forma de se trabalhar. Está dando mais oportunidade para muitas pessoas, mas também pode melhorar. Tudo pode melhorar.”

18:39 – Frederico Damasceno Trindade

“Então, muitas vezes, é extremamente comum que as pessoas trabalhem de nove a doze horas todos os dias. Ainda mais em feriados. E eles recebem pelo menos um salário normal, de uma pessoa que recebe uns dois mil e pouco. Trabalhar doze horas sem folga, sem nenhum benefício.”

18:57 – Igor Rocha

“Melhora as taxas. Diminui as taxas para eles e aumenta para a gente, porque é muito injusto eles receberem 40% e a gente receber só os 60%.”

19:10 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Outra coisa que eles não sabem é a importância que a maioria dos motoqueiros dá para o cliente. Porque a sensação é que eu estou... A sensação e a realidade é que eu estou conduzindo uma vida, um pai de família, uma mãe de família, um filho, uma filha. Então, assim, tem gente que só subir na moto, está beleza. Mas nós que estamos ali pilotando, cara, é uma sensação de extrema responsabilidade.”

19:35 – Wanderson Lima Faustino

“Que fosse mais valorizado, tivesse pelo menos uma vez no ano um agradecimento, uma gratidão, algo ali a oferecer, além daquilo que você trabalha

na correria. E que algumas opções de suporte (19:53) dessem mais crédito ao motoboy, ao motorista, enfim, etc.”

19:57 – Frederico Damasceno Trindade

“A única pessoa que realmente sai ganhando nisso é a própria empresa, que ela recebe todo o lucro, paga o mínimo para o motoqueiro ou para o ciclista. Não tem que pagar nenhum tipo de benefício, benefício assim, né? De direito trabalhista, só a empresa que ganha mesmo.”

20:13 – Igor Rocha

“O aplicativo até oferece um seguro, mas esse seguro ainda é muito fora, porque o motorista paga 38 centavos por quilômetro rodado. E tem algumas corridas que ela não chega nem a 1,50. Então é inviável a pessoa pagar esse seguro, né?”

20:30 – Wanderson Lima Faustino

“A mudança que seria, seria no valor, nos valores, valores a oferecer. Não tem assim, o aplicativo em si, a ferramenta em si, o app em si não tem o que mudar, mas sim o pagamento.”

20:45 – Frederico Damasceno Trindade

“O que as pessoas sabem sobre quem trabalha pelo aplicativo é aquela ideia que é vendida para a população, né? Que, tipo assim, as pessoas são empresárias de si mesmas, são empreendedoras e as pessoas estão ganhando muito mais trabalhando com aplicativo, iFood, assim, do que um emprego que tem uma renda estável, que tem um horário estável, assim. Mas as pessoas não veem que, às vezes, muitas vezes, as pessoas frequentemente deixam de trabalhar por problemas da moto, por doença, por questões familiares, às vezes até pelo celular mesmo. Já quebrei uns três celulares trabalhando, porque você tá o tempo todo ali tirando do suporte, colocando, mexendo, você acaba quebrando. Qualquer coisa que acontece com você, você deixa de trabalhar e você não recebe nada por isso, sabe?”

21:34 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Mas, assim, uma coisa que poderia mudar é em relação ao acidente. Porque hoje, na 99, a assistência deles é médica, é despesas médicas. Mas, no meu ver, eles poderiam ter um seguro em relação ao quanto que eu ganho. Tipo

assim, ah, eu passei três dias, quatro dias, uma semana parado. E posso comprovar eles fazerem uma métrica de quanto que eu ganhava e beneficiar.”

22:04 – Frederico Damasceno Trindade

“Então as pessoas não veem essa precarização mesmo, acho assim, são invisibilizadas mesmo. E, na verdade, é vendido pra gente como se trabalhar sem depender de um patrão, entre aspas, assim, é melhor do que você ser CLT, né? As pessoas acabam não vendo que são, que elas estão sujeitas nesse tipo de trabalho desgastante.”

22:23 – Vandeilson Rodrigues Passos

“A dor nas costas, você roda ali algumas horas seguidas, você tem umas micro-lesão ali.”

22:30 – Frederico Damasceno Trindade

“Cara, como eu falei, o aplicativo, ele paga muito mal, assim, é verdade. Assim, parece que é precisamente equilibrado, assim, pra empresa ter o seu lucro, né? E o tanto mínimo pro trabalhador ficar minimamente satisfeito, assim.”

22:42 – Vandeilson Rodrigues Passos

“A gente tá com passageiro, mas a mente tá ligada ali no trânsito, tá a atenção ali, atenção a todo momento ali no trânsito e o cuidado com o passageiro.”

22:52 – Frederico Damasceno Trindade

“O que todo mundo pede é redução da quilometragem por corrida. Tipo assim, na Uber, eu trabalhei mais na Uber. A corrida máxima lá, o limite da distância era de 10 quilômetros. Isso não existe pra quem faz com bicicleta.”

23:06 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Além das dinâmicas que eles fazem, um bônus, né? Anual aí, uma coisa pra incentivar. Um décimo, um agrado, uma sexta, um sonho de valsa.”

23:18 – Frederico Damasceno Trindade

“O pagamento mínimo tinha que ser no mínimo, assim, pra gente começar a ser um nível aceitável, tem que ser pelo menos uns R\$ 7,50, R\$ 8,00, no mínimo. Porque aí você consegue gerar um dinheiro melhor, assim.”

23:30 – Vandeilson Rodrigues Passos

“Até uma palestra ali, regional, que eu acredito que eles têm gestor nos estados, em cidades, né. Chamar a galera ali pra fazer um café ali, uma conversa bacana,

palestrar sobre segurança, sobre primeiro socorro, lidar com clientes que não estão tão satisfeitos e às vezes querem até discutir.”

23:53 – Frederico Damasceno Trindade

“Então é mais questão de valorizar mais os trabalhadores mesmo, assim, sabe? Tipo assim, aumentar pelo menos R\$ 12,00, R\$ 2,00 da corrida, diminuir a quilometragem, garantir mais segurança, mais benefícios pro trabalhador.”

Créditos finais

Trabalho de Conclusão de Curso

Direção, Produção, Imagens, Roteiro,

Roberto Vieira Manso Filho

Edição: Roberto Vieira Manso Filho

Entrevistados

Frederico Damasceno Trindade

Vandeilson Rodrigues Passos

Wanderson Lima Faustino

Igor Rocha

Sob orientação da professora Ma. Maria Carolina Giliolli Goos

Curso de jornalismo

APÊNDICE III**AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO**

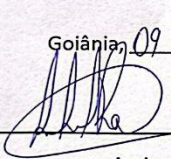
A aluno Roberto Vieira Manso Filho, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em 2026, autoriza a reprodução do documentário por parte da Instituição da obra feita para o Trabalho de Conclusão de Curso.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ÁUDIO, IMAGEM E INFORMAÇÃO****CONCEDIDA POR MEIO DE ENTREVISTA**

Eu, Roberto Vieira Manso Filho, portador(a) do CPF 044 489 861 54, AUTORIZO o(a) acadêmico(a) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás Roberto Vieira Manso Filho, a utilizar a minha imagem e as informações concedidas por meio de entrevista, de forma gratuita, no site Trabalho de Conclusão de Curso sobre uberização e plataformatização a nova face da precarização do trabalho, do curso de Jornalismo.

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo Roberto Vieira Manso Filho a realizar cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o cedente e o acadêmico Roberto Vieira Manso Filho

Goiânia, 09 de Julho de 2026.


Assinatura do Cedente

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ÁUDIO, IMAGEM E INFORMAÇÃO
CONCEDIDA POR MEIO DE ENTREVISTA

Eu, Frederico Damasceno Trindado, portador(a) do CPF 053553961-43, AUTORIZO o(a) acadêmico(a) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás Roberto Vieira Manso Filho, a utilizar a minha imagem e as informações concedidas por meio de entrevista, de forma gratuita, no site Trabalho de Conclusão de Curso sobre uberização e plataformatização a nova face da precarização do trabalho, do curso de Jornalismo.

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo Roberto Vieira Manso Filho a realizar cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o cedente e o acadêmico Roberto Vieira Manso Filho

Goiânia, 14 de 04 de 2026.

Frederico Damasceno Trindado do Espírito Santo

Assinatura do Cedente

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ÁUDIO, IMAGEM E INFORMAÇÃO
CONCEDIDA POR MEIO DE ENTREVISTA

Eu, Vandeilson Rodrigues Pereira, portador(a) do CPF 078.649.252-00, AUTORIZO o(a) acadêmico(a) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás Roberto Vieira Manso Filho, a utilizar a minha imagem e as informações concedidas por meio de entrevista, de forma gratuita, no site Trabalho de Conclusão de Curso sobre uberização e plataformatização a nova face da precarização do trabalho, do curso de Jornalismo.

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo Roberto Vieira Manso Filho a realizar cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o cedente e o acadêmico Roberto Vieira Manso Filho

Goiânia, 27 de Março de 2026.

Vandeilson D. Pereira

Assinatura do Cedente

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ÁUDIO, IMAGEM E INFORMAÇÃO

CONCEDIDA POR MEIO DE ENTREVISTA

Eu, Wanerson Lima Fausso, portador(a) do CPF
03505001336, AUTORIZO o(a) acadêmico(a) da Pontifícia Universidade
Católica de Goiás Roberto Vieira Manso Filho, a utilizar a minha imagem e as
informações concedidas por meio de entrevista, de forma gratuita, no site Trabalho de
Conclusão de Curso sobre uberização e plataformatização a nova face da precarização do
trabalho, do curso de Jornalismo.

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo Roberto Vieira Manso Filho a
realizar cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e
também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações
trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre
o cedente e o acadêmico Roberto Vieira Manso Filho

Goiânia, 18 de 03 de 2026.

Wanerson Lima

Assinatura do Cedente



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE GOIÁS**
**PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL**
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br |

RESOLUÇÃO nº 038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Roberto Vieira Manso Filho do Curso de Jornalismo, matrícula 20222012700102, telefone: (62) 99964-6007 e-mail Rfilho897@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado, “Uberização e plataformação a nova face da precarização do trabalho”, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 25 de junho de 2026.

Assinatura do(s) autor(es):



Documento assinado digitalmente
ROBERTO VIEIRA MANSO FILHO
Data: 25/06/2026 11:13:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome completo do autor: Roberto Vieira Manso Filho

Assinatura da professora-orientadora: Maria Carolina Giliolli Goos

Nome completo da professora-orientadora: